



Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção

**CARGAS DE TRABALHO ENCONTRADA NOS COLETORES
DE LIXO DOMICILIAR – UM ESTUDO DE CASO**

Dissertação de Mestrado

Rosângela Batista Madruga

FLORIANÓPOLIS

2002

Rosângela Batista Madruga

**CARGAS DE TRABALHO ENCONTRADA NOS COLETORES
DE LIXO DOMICILIAR – UM ESTUDO DE CASO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção, Área de concentração: Ergonomia.

Orientador: Prof. Francisco Antônio Pereira Fialho, Dr.

Florianópolis, dezembro de 2002

Rosângela Batista Madruga

**CARGAS DE TRABALHO ENCONTRADA NOS COLETORES
DE LIXO DOMICILIAR – UM ESTUDO DE CASO**

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Engenharia de Produção, área de concentração, Ergonomia, aprovada em sua forma final pelo programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, de dezembro de 2002.

Prof. Edson Pacheco Paladini, Dr.
Coordenador

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Francisco Antônio Pereira Fialho, Dr.
Orientador

Prof.^a Sonia Dominga Godoy Vieira, Dr.^a

Prof. Angel Freddy Godoy Vieira, Dr.

Subcarga atrofia

Carga bem dimensionada desenvolve

Sobrecarga desgasta

(Etienne Grandjean)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, desejo expressar meus agradecimentos a Deus pela realização deste sonho;

Ao meu marido Elcio, pela paciência e encorajamento durante os períodos de dificuldade pessoal e pela sabedoria de seus conselhos.

Aos meus filhos, Diego e Amanda pelo carinho e compreensão durante minhas ausências enquanto mãe.

A minha mãe e meus irmãos pelo apoio e incentivo nesta jornada.

Ao meu sogro, pela parceria e trocas.

Meus agradecimentos aos amigos Bernadete e Leandro, pelas leituras e informações que enriqueceram este trabalho, e pelo carinho e paciência em orientar-me em horas indecisas.

Ao meu orientador e amigo Dr. Fialho, por ter acreditado e confiado em minhas potencialidades.

Ao Dr. Angel e Dr.^a Sonia, pelas contribuições finais.

E ao meu pai, por ter sempre apostado em mim.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	vii
LISTA DE QUADROS	viii
LISTA DE TABELAS	ix
RESUMO	x
ABSTRACT	xi
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 Apresentação da Problemática	1
1.2 Objetivos	3
1.2.1 Objetivos gerais	3
1.2.2 Objetivos específicos	3
1.2.3 Tipo de pesquisa	4
1.2.4 Estrutura do trabalho	4
1.2.5 Limitações do estudo	5
2 TRABALHO, ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO E CARGA DE TRABALHO	6
2.1 Trabalho	6
2.1.1 Organização do trabalho	7
2.2 Conceitos de Cargas de Trabalho	10
2.3 Divisão das Cargas de Trabalho	13
2.4 Diferentes Conceitos de Cargas Psíquicas do Trabalho	15
3 ERGONOMIA	17
3.1 Análise Ergonômica do Trabalho	19
3.2 Análise da Demanda	21
3.3 Análise Ergonômica da Tarefa	22
3.4 Análise da Atividade	24
3.5 Trabalho Prescrito e Trabalho Real	25
4 ESTUDO DE CASO	27
4.1 Metodologia	27
4.1.1 Coleta de dados	28
4.1.2 Instrumentos para a coleta de dados	28
4.1.3 Análise de dados	28

4.2 Análise Ergonômica do Trabalho dos Coletores de Lixo Domiciliar e Convencional (GARIS)	29
4.2.1 Demanda	29
4.2.2 Hipóteses que partiram da demanda.....	29
4.2.3 Caracterização do local de estudo	30
4.2.4 Caracterização da amostra.....	33
4.3 Analise Ergonômica da Tarefa	34
4.3.1 Descrição das atividades.....	35
4.3.2 Requisitos	35
4.3.3 Dados fornecidos pela empresa	35
4.3.4 O trabalho dos coletores de lixo	36
4.3.5 Equipamentos.....	42
4.3.6 Estrutura organizacional.....	45
4.3.7 Rotinas de trabalho.....	45
4.4 Análise das Atividades	46
4.4.1 Dados sobre o ambiente de trabalho.....	46
4.5. Análise dos Dados	46
4.5.1 Análise das cargas de trabalho dos coletores de lixo.....	46
4.5.2 Distribuição dos resultados quanto a relação do trabalho e sua repercussão no corpo.....	46
4.5.3 Distribuição dos resultados em relação às cargas físicas	48
4.5.4 Distribuição do resultado da avaliação da carga psíquica oriunda da organização do trabalho	49
4.5.5 Distribuição das respostas dos trabalhadores frente aos diferentes roteiros	51
4.5.6 Distribuição quanto aos resultados sobre o treinamento recebido.....	52
5 DISCUSSÃO DOS DADOS	54
6 CONCLUSÃO	67
7 RECOMENDAÇÕES	69
REFERÊNCIAS	70
APÊNDICE 1 - DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DOS GARIS	73
APÊNDICE 2 - ESCALA DE AVALIAÇÃO DA CARGA PSÍQUICA E QUESTIONÁRIO PARA COLETORES DE LIXO DOMICILIARES	97

LISTA DE FIGURAS

1	FATORES QUE INFLUENCIAM NA CARGA DE TRABALHO	11
2	ROTEIRO DA COLETA DE LIXO.....	41
3	CAMINHÃO DEPOSITÁRIO DE LIXO COM DISPOSITIVOS (ALAVANCAS) DE TRÊS TRAVAS COM COMANDO HIDRÁULICO PARA COMPACTAÇÃO DO LIXO	42
4	DISPOSITIVO PARA VAZAR O CAMINHÃO DE LIXO (DESCARREGAR).....	43
5	MANGUEIRA UTILIZADA PARA A RETIRADA DO CHURUME (LÍQUIDO ACUMULADO DO LIXO).....	44
6	BOMBA HIDRÁULICA E TOMADA DE FORÇA	44
7	EXPRESSÃO DO SOFRIMENTO DO TRABALHADOR DURANTE O EXERCÍCIO DE SUAS ATIVIDADES.....	55
8	MOVIMENTO INADEQUADO AO RECOLHER O LIXO, CAUSA SINTOMATOLOGIA DAS ARTICULAÇÕES ACARRETANDO DORES PRINCIPALMENTE NOS OMBROS E BRAÇOS	56
9	DIFICULDADE ENCONTRADA PELOS GARIS NA COLETA DE LIXO, PELO MAU ACONDICIONAMENTO, CAUSANDO ESFORÇO FÍSICO AO TRABALHADOR	59
10	LIXO ESPALHADO CAUSA DESCONFORTO FÍSICO E LENTIDÃO NO PROCESSO DE COLETA DO LIXO	63

FIGURAS DO APÊNDICE 1

A.1	FISCALIZAÇÃO DO LOCAL DE TRABALHO PELA NOVA EQUIPE	78
A.2	COLETA DE LIXO NO ROTEIRO DE MORROS	82
A.3	DEPÓSITO DE LIXOS EM CAIXAS DE CIMENTO ESTILO CAIXA D' ÁGUA.....	83
A.4	EVIDÊNCIA DE FOGO ENCONTRADA NAS CAIXAS DE LIXO.....	83
A.5	DIFÍCIL ACESSO DOS GARIS PARA COLETA DO LIXO.....	85
A.6	ANTIGO ATERRO DO ITACORUBI	88
A.7	ATERRO SANITÁRIO DE TIJUQUINHAS.....	88
A.8	LIXEIRA (ESPÉCIE DE DEPÓSITO).....	91
A.9	RETORNO DOS GARIS A EMPRESA DE COLETA DE LIXO	96

LISTA DE QUADROS

1	PRIMEIRA EQUIPE	34
2	SEGUNDA EQUIPE	34
3	TERCEIRA EQUIPE	34
4	QUANTO TEMPO VOCÊ LEVOU PARA APRENDER TUDO O QUE SABE HOJE?	52
5	VOCÊ ACHA QUE SABE TUDO SOBRE SEU TRABALHO?	53
6	VOCÊ ACHA QUE SEU TREINAMENTO FOI SUFICIENTE?	53
7	VOCÊ ACREDITA QUE OS ACIDENTES DE TRABALHO OCORRIDOS COM SEUS COLEGAS OU COM VOCÊ, FOI DEVIDO A FALTA DE TREINAMENTO ADEQUADO?	53

LISTA DE TABELAS

1	VOCÊ ACHA QUE O SEU TRABALHO MEXE COM A SAÚDE DE SEU CORPO?	46
2	DORES NO CORPO OCASIONADAS PELO ESFORÇO FÍSICO	47
3	SINTOMATOLOGIA DAS ARTICULAÇÕES OU REGIÕES DOLOROSAS PROVENIENTES DA CARGA FÍSICA.....	47
4	RESULTADOS EM RELAÇÃO AS CARGAS FÍSICAS (TOTAL DE 11 TRABALHADORES).....	48
5	DISTRIBUIÇÃO DOS RESULTADOS EM RELAÇÃO A CARGA FÍSICA NOS TRABALHADORES DO ROTEIRO DAS PRAIAS	48
6	DISTRIBUIÇÃO DOS RESULTADOS EM RELAÇÃO A CARGA FÍSICA NOS TRABALHADORES DO ROTEIRO DO MORRO	49
7	DISTRIBUIÇÃO DOS RESULTADOS EM RELAÇÃO A CARGA FÍSICA NOS TRABALHADORES DO ROTEIRO DO CONTINENTE.....	49
8	DISTRIBUIÇÃO DO RESULTADO DA AVALIAÇÃO DA CARGA PSÍQUICA ORIUNDA DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO	50
9	DISTRIBUIÇÃO DO RESULTADO DA AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE DESCONTENTAMENTO COM O TRABALHO.....	50
10	DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS DOS TRABALHADORES DO ROTEIRO DO MORRO A RESPEITO DAS CARGAS PSÍQUICAS ORIUNDAS DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO	51
11	DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS QUANTO AO ROTEIRO DO CONTINENTE A RESPEITO DAS CARGAS PSÍQUICAS ORIUNDAS DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO	51
12	DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS DOS TRABALHADORES DO ROTEIRO DA PRAIA A RESPEITO DAS CARGAS PSÍQUICAS ORIUNDAS DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO.....	52

RESUMO

MADRUGA, Rosângela Batista. **Cargas de trabalho encontrada nos coletores de lixo domiciliar** – um estudo de caso. Florianópolis, 2002. 118f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção - área de concentração: Ergonomia) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da UFSC.

O presente estudo de caso foi realizado em uma empresa de coleta de lixo da grande Florianópolis, com objetivo de analisar as cargas de trabalho dos coletores de lixo domiciliar. Foi utilizado o recurso metodológico da Análise Ergonômica do Trabalho, cujo enfoque se deu através da Análise da Atividade e das condições de realização do trabalho, com propósito de verificar a realidade destes trabalhadores e assim relacioná-los com as cargas de trabalho presente nesta atividade. Para análise das cargas utilizou-se a escala de Lemos (Lemos,2001), cujas cargas físicas e psíquicas foram comprovadas através de um questionário auto-aplicável, assim como do discurso dos trabalhadores que de certa forma apresentam uma percepção quanto a estas. Os resultados indicaram que os coletores de lixo domiciliar estão expostos a inúmeros riscos de acidentes de trabalho, doenças ocupacionais e a situações que podem ocasionar sofrimento físicos, mentais e emocionais.

Palavras-chave: análise ergonômica do trabalho; coletor de lixo; cargas de trabalho.

ABSTRACT

MADRUGA, Rosângela Batista. **Cargas de trabalho encontrada nos coletores de lixo domiciliar** – um estudo de caso. Florianópolis, 2002. 118f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção - área de concentração: Ergonomia) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da UFSC.

This present study was realized in a company of collect trash in Florianópolis, with the objective to analyse the workloads of collectors of home trash. It was utilized the methodological recourse of work Analyses Ergonomic which direction was made through the analyse of activity and the conditions of work realization, with purpose to verify the thuth these workers and so will relate them with workloads in this activity. For analyze de loads used the Lemos. Scale (2001), which physical and psychical loads was proved through a questionnaire elf-applicable, so like the workers, speech would present a perception as to thum. The literature revision was mode a base at the studies of Dejours, Wisner, Greco and Guerin et al., they would contribute to analyse those loads. the results show the collectors of home trash are exposed a countless risks of work acidents, business disease, and situations can bring as much as mental and emotional pain and phhysical.

Key words: work analisys; collector of home trash; workload.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação da Problemática

É possível observar que a atividade de coleta de lixo representa importante trabalho para com a sociedade civil, bem como as questões de saneamento básico de uma urbe. Muito embora possamos ver ou observar a atividade do coletor de lixo, o chamado Gari, ignoramos que temos importante papel neste contexto, pois afinal todo cidadão é de certa forma, produtor de lixo. Sendo assim, o tipo de lixo produzido, a sua forma de acondicionamento e a sua disposição para a coleta guarda uma relação direta com cada indivíduo.

Em uma cidade como Florianópolis, o coletor de lixo trabalha perfazendo aproximadamente um trajeto de 20 a 30 km por dia preestabelecido pela empresa, recolhendo em média 1.500 kg de lixo por coletor, num período de 8 horas. O trajeto percorrido, geralmente em desabalada carreira, varia em função da densidade populacional da região e formação topográfica.

Os Coletores de lixo ou mais popularmente chamados Garis realizam suas atividades de trabalho de uma forma árdua, sujeitos a todos os tipos de intempéries climáticas. A denominação gari, dada aos coletores de lixo, surgiu na década de 40, com a empresa "Irmãos Gari", que prestava serviços de coleta e transporte de lixo até seu destino final. Em função deste trabalho e sua permanência nesta execução, os coletores de lixo passaram a ser chamado de Garis, e esta denominação, ainda, perpetua em todo o Brasil (SANTOS, 1999).

Outra denominação também dada a estes coletores de lixo, é a de "lixeiro", que de certa forma vulgariza a atividade profissional exercida. Pode-se verificar que esta é uma atividade realizada normalmente em condições precárias de segurança e às mais variadas situações de risco, tanto físicas quanto psíquicas.

As atividades do coletor de lixo domiciliar, segundo a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO, 1982, p.204), no grande grupo 5 – são: trabalhadores de serviços de turismo, serviços hospitalares, serventia, higiene e beleza, segurança e trabalhadores assemelhados; e no subgrupo 5.52 – trabalhadores de serviços de conservação de limpeza de edifícios e logradouros públicos, e é definida da seguinte forma:

Coleta de lixo acumulado em logradouros públicos e outros locais, despejando-os em veículos e depósitos apropriados, a fim de contribuir para a limpeza destes locais: percorre os logradouros, seguindo roteiros pré-estabelecidos, para recolher o lixo; despeja o lixo amontoado ou acondicionado em latões, em caminhões especiais, carrinho ou outro depósito valendo-se de esforço físico e ferramentas manuais para possibilitar seu transporte. Pode transportar o lixo e despejá-lo em um local para qual destinado. Pode desempenhar suas funções em veículos motorizados ou tracionados por animais.

Alguns levantamentos bibliográficos realizados pela FUNDACENTRO (Fundação Jorge Duprat Figueredo de Segurança e Medicina do Trabalho), tratam direta ou indiretamente do coletor de lixo, sua atividade, saúde, organização, condições e inserção no mercado de trabalho, por meio de estudos prestados às Prefeituras de São Paulo, bem como o tratamento ou políticas de limpeza pública adotadas.

Ilário (1989), em estudo sobre a morbidade em coletores de lixo faz uma avaliação da prevalência de muitas patologias que acometem esta categoria de trabalhadores. O autor relaciona o perfil de determinadas morbidades com as condições aos quais estes trabalhadores estão submetidos, tanto ao nível de riscos laborais, quanto às condições psicossociais envolvidas na execução deste tipo de trabalho.

Em estudo realizado por Santos (1994) sobre condições de saúde e trabalho dos coletores de lixo da cidade de São Paulo, assinalou que no sistema de coleta de lixo existem condições inadequadas e insalubres, exposição a acidentes de trabalho, e que havia, também, pontos positivos, como a questão da liberdade, do coleguismo e da antecipação da jornada diária de trabalho, daí a ambigüidade, ou seja, parte do principio de que esta atividade pode ser fonte, tanto de prazer quanto de sofrimento.

Existem várias literaturas, apontadas pela FUNDACENTRO, que procuraram analisar os serviços de coletores de lixo, sua atividade, saúde, organização e condições de trabalho, inserção no mercado de trabalho por meio de serviços prestados.

O interesse por este tema originou-se de um "estudo piloto", feito na disciplina de Ergonomia e Psicologia do Trabalho, ministrada no curso de Mestrado em Engenharia de Produção e Sistemas da UFSC, cujo objetivo foi de verificar as cargas

de trabalho resultantes das atividades realizadas pelos garis na coleta de lixo. Os estudos que se referem a Cargas de Trabalho e o impacto destas na saúde do trabalhador, são de certa forma recentes, realizados nas duas últimas décadas do século XX. Estes estudos também motivaram a realização da presente pesquisa.

Observou-se que estas cargas de trabalho, mais especificamente as cargas físicas e psíquicas, apresentadas no "estudo piloto" estão presentes na fala, nas ações e no comportamento desta categoria. Cabe também ressaltar que o sofrimento no trabalho, muitas vezes apresenta faces ocultas, difíceis de assimilação rápida e durante a pesquisa isto ficou evidente. Isto levou à necessidade de um aprofundamento maior do assunto que apresenta tamanha relevância para a sociedade.

Diante da pesquisa realizada e da literatura pesquisada no estudo piloto, surgiu a seguinte questão a investigar:

"Quais os fatores que influenciam e contribuem para as cargas de trabalho e como esta categoria de trabalhadores se ressentem destas cargas"?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivos gerais

- Identificar e analisar as cargas de trabalho encontradas nas atividades laborais do coletor de lixo.

1.2.2 Objetivos específicos

- Compreender a dinâmica e a organização do trabalho dos coletores de lixo domiciliar da grande Florianópolis.
- Comparar atividades do coletor de lixo em Florianópolis com estudos realizados em outras localidades.
- Propor medidas preventivas buscando a melhoria da qualidade de vida no trabalho dos coletores de lixo domiciliar.

1.2.3 Tipo de pesquisa

Por ser este estudo uma avaliação das condições de trabalho com ênfase na análise da atividade e do discurso do trabalhador, ele vale-se de pesquisa descritiva qualitativa, sendo que esta procura descrever como o trabalho é vivido e sentido pelo trabalhador.

A pesquisa descritiva observa, descreve, classifica e interpreta fenômenos, sem forjar informações, podendo reunir dados extraídos do discurso-linguagem ou da observação direta do comportamento (MORAES 2000).

1.2.4 Estrutura do trabalho

Esta dissertação é composta por seis capítulos que se apresentam da seguinte forma:

Introdução - onde é introduzido a temática da pesquisa, o problema, os objetivos desta dissertação, tipo de pesquisa e limitações do trabalho.

Revisão Bibliográfica - neste capítulo, apresentam-se alguns conceitos que embasaram estas reflexões os quais balizaram também a análise dos resultados obtidos na coleta de dados. Estes são: Trabalho, Organização do Trabalho e Cargas de Trabalho.

Ergonomia e Análise Ergonômica do Trabalho - aqui se insere a importância da ergonomia enquanto ciência e seu método de análise do trabalho como recurso científico na identificação de mecanismos que implica na relação homem/máquina.

Estudo de Caso - este capítulo buscou ressaltar aspectos encontrados no cotidiano dos trabalhadores de coletas, bem como do discurso dos mesmos. Foi utilizado para estes a metodologia de análise adotada, a demanda da qual partiu este estudo, a análise da tarefa e da atividade.

Análise dos Dados - aqui apresentamos uma sistematização dos resultados e a discussão dos dados que foram confrontados com a literatura estudada.

1.2.5 Limitações do estudo

Para esta pesquisa não foram consideradas questões ambientais tais como, ruído, iluminação e temperatura por não ser este o foco desta pesquisa.

2 TRABALHO, ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO E CARGA DE TRABALHO

2.1 Trabalho

A palavra trabalho, originada do latim *tripalium*, apresenta um sentido bastante amplo em sua acepção como "instrumento de sofrimento e tortura, destinados a escravos que se recusavam a prestar serviços". (ALBORNOZ, 1995).

Em outras línguas a palavra trabalho expressa também formas sinuosas como referências a situações penosas e a fadiga, assim como suor no rosto, tortura física e intelectual, cansaço e também a ganhos e reconhecimentos.

Segundo Bueno (1998, p.4020), "trabalho é uma palavra masculina que em sua forma substantiva quer dizer: exercício, aplicação de energia física em algum serviço, numa profissão, ocupação, mister, ofício, labuta, esforço, esmero...".

É no trabalho e pelo trabalho que o homem é valorizado e reconhecido perante a sociedade e utiliza-se deste para sua sobrevivência. Desta forma o trabalho passa a ter também uma acepção um tanto deletéria, isto é, o trabalho ao mesmo tempo em que dignifica o homem, também não é uma atividade necessariamente benéfica a sua saúde, na medida que esta provoca fadiga e sofrimento. Existe, portanto uma certa suspeição, onde a sua chamada "importância ilustre" para a condição humana é, como coloca Campos (1992, p.91), "algo pelo menos duvidoso e provavelmente muito mais ideológico do que antropológico em sua origem".

O trabalho parece estar posicionado em tudo aquilo que conhecemos como civilização humana. Ele é objeto e modo de realização, sendo assim, ele problematiza a própria condição do homem, na medida em que este transforma a natureza e é por ela transformado.

Considerado em sua grande diversidade de concepção, o trabalho também pode se concernir como exercício da atividade humana independente de qualquer que seja a forma como estas atividades sejam desempenhadas.

Para alguns autores, ao definir o trabalho enfatizam a importância de que também os animais de uma forma um tanto rudimentar e bem ao seu modo, realizam esta atividade até muito organizada. Porém, o trabalho humano, é consciente, proposital e há liberdade, o que o diferencia de outros animais, isto é, ele adapta-se a situações imprevistas através de sua criatividade e constrói seu próprio instrumento. Ele é capaz de criar mentalmente algo, planejá-lo detalhadamente e transportá-lo para a realidade. (KRAWULSKIN, 1991).

Como toda ação do homem, o trabalho tem seu ponto de partida nos desejos e necessidades, desta forma, a criação, produção e ou transformação dele ocorre porque há uma intencionalidade desta transformação que vai impulsioná-lo a um processo criativo como forma de satisfação de seus desejos subjetivos.

Esta mesma necessidade que faz com que o homem transforme a própria natureza é uma das características do trabalho, apontada por autores como uma necessidade para a garantia da própria sobrevivência do homem, como afirma As`Vtchenko (1987, p.4) "O trabalho é um companheiro inseparável do homem, pois ele é uma necessidade objetiva da sua própria vida".

O trabalho, portanto é imprescindível à condição humana e está na base de toda a sociedade. Ele é a ponte de relação entre os indivíduos, classe social, gerando assim relações de poder e propriedade, onde vivemos todos numa relação de organização e trabalho (ALBORNOS, 1995).

2.1.1 Organização do trabalho

Vivemos numa sociedade organizacional, estamos rodeados por ela e inevitavelmente estamos envolvidos em atividades de trabalho e relações socioprofissionais com grupos e hierarquias dentro de uma estrutura organizacional.

Para Dejours (1994, p.28), esta organização é a divisão das tarefas, as relações de poder e o sistema hierárquico. Ele coloca que a organização do trabalho

é na verdade a "vontade do outro", momento este que resulta em conflitos psíquicos no sentido de que o trabalhador é desprovido de sua competência a fim de centralizá-lo nos desejos da direção.

Neste sentido consideramos a inspiração de Taylor, cuja meta era analisar o trabalho em suas diferentes fases e estudar os movimentos concernentes a sua execução para assim chegar a uma produção padrão. Seus objetivos eram o controle centralizado das decisões, eliminação de desperdícios e perdas tidas nas indústrias, bem como aumentar a produtividade aplicando técnicas e métodos dedutivos da engenharia industrial (TAYLOR, 1966).

Esta racionalização do trabalho taylorista, analisada e criticada por Simon (1970), levaria a uma completa "desumanização" do homem, além de não progredir em longo prazo a produtividade do trabalho, pois tenderia a provocar o aparecimento de atitudes negativas em relação ao trabalho e conseqüentemente levaria a discussão e fragmentação do mesmo.

Para Taylor, a "ciência do trabalho" deveria ser sempre desenvolvida em uma ordem hierárquica gerencial e jamais sob o domínio da classe trabalhadora. Desta forma ao trabalhador cabe executar as tarefas e funcionando como um mediador totalmente governado e controlado.

Moser (1985, p.29), analisando o Taylorismo, afirma que o "trabalhador como produtor é ignorado: a gerencia torna-se o produtor e suas instruções ensejam o produto". Para esta autora, o papel da gerência neste momento era garantir que o trabalhador se empenhasse ao nível de força geral, adaptando-se a tarefas simples e que a ciência, à medida que evoluísse, estaria centralizada nas mãos da gerencia.

Neste sentido o conhecimento humano se dissocia, passando para o trabalho manual, fica então banido o trabalho cerebral, passando a ser totalmente desqualificado, o que tornava os capitalistas totalmente independentes dos trabalhadores e livres para substituí-los a qualquer momento, o que levaria os trabalhadores a um sofrimento psíquico intenso na medida em que ocorre uma total desumanização e descaso do ser humano.

É neste sentido que Guattari (1998) analisa a questão da linha de montagem no capitalismo, segundo ele, "o homem tende a ser reduzido a engrenagens, robô, solitário e angustiado..." Isto de certa forma reforça a questão do sofrimento psíquico ocasionado pela própria organização do trabalho e que, até mesmo nos dias de hoje, encontram-se organizações com "cultura Taylorista", que acabam provocando sofrimento e profundas angustias no trabalhador.

Esta organização rígida e inflexível, advindas de uma estrutura hierárquica de controle "Taylorista", surgiu como sinônimo de produtividade, embora fragmentasse o trabalho humano, causou profundo impacto para a saúde do trabalhador, que desprovido de sua criatividade, tinha que manter a escala produtiva em alta a custo de constante sofrimento e desgastes, além de acarretar desordens afetivas, elevando a um grau de insatisfação em relação ao seu trabalho.

Como citado anteriormente, o trabalho é uma questão que vem sendo transmutado ao longo da história e passa a ser estudado por muitos autores preocupados com a questão binômica de prazer e sofrimento.

Esta última vem acompanhado por questões que permeiam a própria organização do trabalho, que passa a ser discussão de base para muitos teóricos.

A própria visão Dejouriana que visa focar a psicopatologia do trabalho, traz o tema posicionando-o na própria dinâmica em que se insere a organização do trabalho.

Para Dejours (1994), o trabalho passa a ser patológico na medida em que passa a ser alvo de sofrimento, isto é, quando o trabalho prescrito, impede a liberdade criativa corre-se o risco de ocorrer uma desestabilização psíquica e somática, fragilizando a saúde do trabalhador.

Estas vivências subjetivas posicionadas no sujeito em seu trabalho, é que vão desencadear o sofrimento tal qual refere-se Dejours. Este sofrimento é canalizado através da descarga da energia pulsional, permitindo o equilíbrio do aparato psíquico. Caso este sofrimento não seja liberado ou reduzido através desta energia pulsional, podem contribuir para manifestações de doenças mentais, isto se denota

em ambientes tidos como ansiógenos, onde a insatisfação e hostilidade relacionada a aspectos organizacionais, assim como ergonômicos e ou pressão, desencadeiam em quadros patológicos graves e conseqüentemente a uma elevada carga psíquica, impedindo desta forma o prazer no trabalho. Prazer este, obtido através do sofrimento criativo referenciado por Dejours.

Codo (1993, p.196), analisando a questão do trabalho, coloca que: "quando trabalhamos em condições gratificantes, gostamos do produto realizado, alguns até se apaixonam por eles, como os escritores, por exemplo, mas quando trabalhamos subjulgados, subjugados, imprimimos raiva ao produto". Neste sentido a transferência subjetiva ao produto pode trazer conseqüências desastrosas para as organizações como acidentes de trabalho, problemas psicoafetivos e sofrimento psíquico o que, para Dejours, está relacionado à organização do trabalho como origem da carga psíquica e o sofrimento do trabalhador.

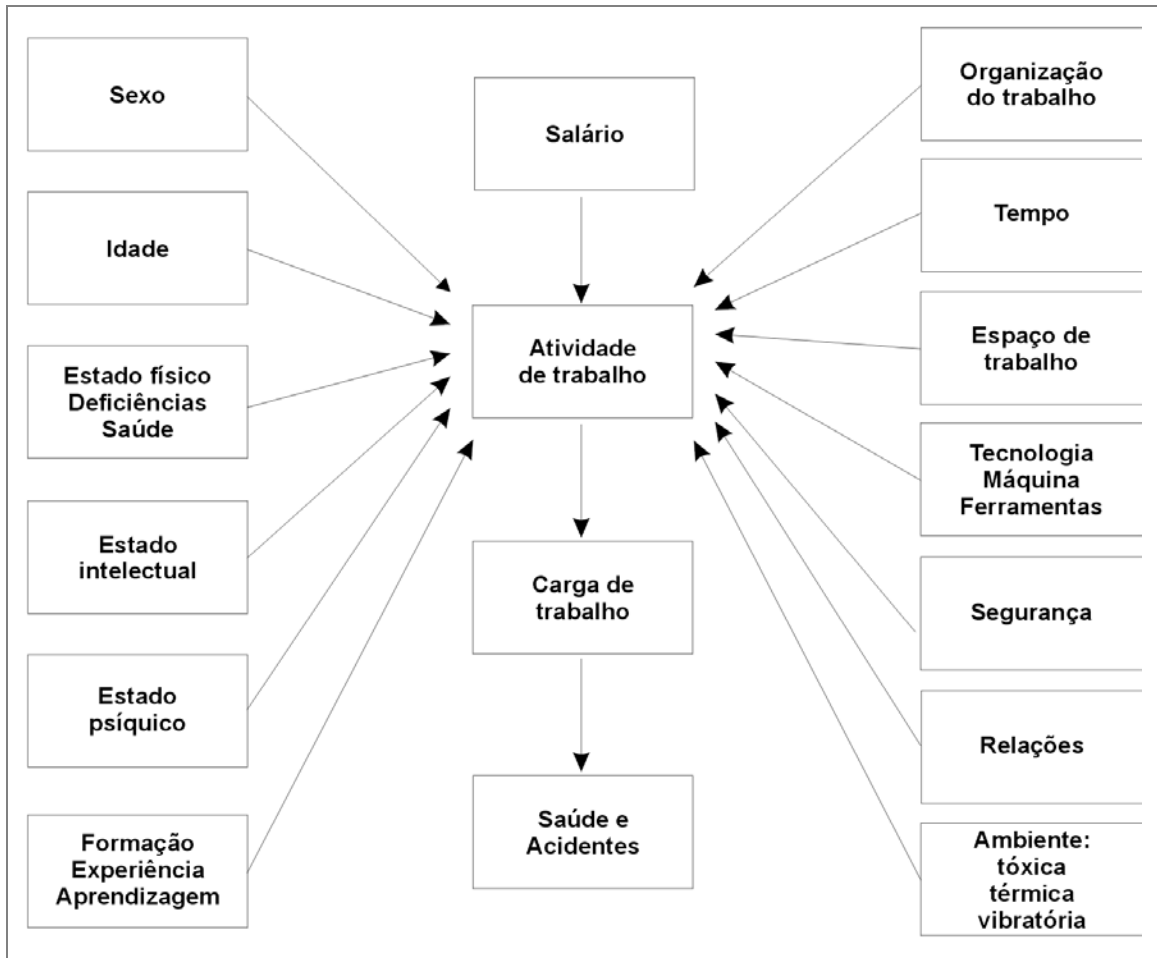
A análise do trabalho na visão de Dejours, veio a contribuir muito para a ergonomia, porque ela enfatiza a questão da saúde do trabalhador, saúde esta não só física, como a cognitiva e a psíquica, ocasionadas pela carga excedente de trabalho e pela organização do mesmo.

2.2 Conceitos de Cargas de Trabalho

Todas as atividades de trabalho implicam sobre o trabalhador determinados constrangimentos, exigindo por isso, esforços mentais, emocionais, físicos e afetivos, o que acarreta desgaste para o próprio trabalhador. Estes desgastes e constrangimentos ao qual o trabalhador se submete durante a realização de suas atividades, resultam em carga de trabalho (MORAES, 2000).

A carga de trabalho resulta de vários fatores e é ressentida diferentemente por cada trabalhador, dependendo da sua idade, sexo, grau de experiência, etc. (figura 1).

FIGURA 1 - FATORES QUE INFLUENCIAM NA CARGA DE TRABALHO



FONTE: GUERIN, apud MARTINS (1988, p.12)

Desta forma, para o autor acima citado, uma avaliação eficaz da carga de trabalho, precisa levar em conta a expressão do trabalhador, como este se ressentem em relação a esta carga, como esta é vivenciada, sendo que é pelo seu corpo que se juntam vários fatores que compõem esta carga. "É impossível ao analista mensurar todos estes fatores objetivamente". (MARTINS, 1998, p.13).

Para Wisner (1994, p.13), todo "trabalho, tem pelo menos três aspectos: físico, cognitivo e psíquico. Cada um deles pode determinar uma sobrecarga. Eles estão inter-relacionados e são bastante freqüentes, embora isto não seja necessário que uma forte sobrecarga de um dos aspectos seja acompanhada de uma carga bastante alta nos dois outros aspectos". A carga de trabalho para este autor representa esforços desenvolvidos pelo trabalhador para atender as exigências das tarefas e as condições de trabalho que lhe é imposta pela organização do trabalho.

Segundo Sperandio, 1987 (apud MARTINS, 1998, p.12), carga de trabalho é uma medida quantitativa e qualitativa do nível de atividade (mental, sensitivo-motora, fisiológica etc.) do operador, necessária a realização de um determinado trabalho.

Já Laurell e Noriega (1989, p.110), comentam que o conceito de carga de trabalho

possibilita uma análise do processo do trabalho que extrai e sintetiza os elementos que determinam de um modo importante o nexos biopsíquico da coletividade operária e confere a esta um modo histórico específico de 'andar a vida'. Estes ressaltam a importância de avaliar a carga de trabalho com intuito de compreender os impactos das exigências do trabalho e os modos operatórios elaborados pelo trabalhador.

Para Guerin et al. (2001, p.66), a noção de carga de trabalho:

pode ser interpretada a partir da compreensão da margem de manobra da qual dispõe um operador num dado momento para elaborar modos operatórios tendo em vista atingir os objetivos exigidos, sem efeito desfavorável sobre seu próprio estado. Uma carga de trabalho moderada corresponde a uma situação em que é possível elaborar modos operatórios que satisfaçam estes critérios e alertam as maneiras de trabalho. O aumento da carga de trabalho se traduz por uma diminuição do número de modos operatórios possíveis: é cada vez menor o número de maneiras possíveis de se organizar.

Para Seligmann-Silva (1994 p.58), "a carga de trabalho representa o conjunto de esforços desenvolvidos para atender as exigências da tarefa abrangendo os esforços físicos, os cognitivos e os psicoafetivos (emocionais)".

Laville (1977), ao argumentar sobre Cargas de Trabalho, relaciona esta com diversos fatores, que interferem na relação homem-tarefa, segundo o autor, estes fatores modificam a carga de trabalho, entre eles:

- As fontes de informação, peso dos instrumentos, dimensão do posto de trabalho;
- Duração do trabalho, horário e pausas;
- Meio ambiente físico (ruído, iluminação, vibrações, ambiente térmico);
- Ordens dadas, relacionamento entre colegas e chefes;
- Idade, sexo, estado psíquico.

Para ele, todos estes elementos se agregam à situação de trabalho, sendo importante ser analisados em conjunto, pois estas interferem uma as outras e principalmente afetam a saúde, segurança e conforto do trabalhador.

Também ILO (apud FISCHER e PARAGUAY, 1989), considera que o ambiente de trabalho é um conjunto de fatores que dependem entre si e que interfere na qualidade de vida dos trabalhadores e no próprio trabalho. Desta forma é possível compreender o grau de dificuldade de desempenho, desconforto, insatisfação e até mesmo dos acidentes e incidentes ocorridos durante as atividades.

Segundo Cruz et al. (2001. p.187)

Os fatores que influenciam as experiências com a carga de trabalho emergem da própria realização das tarefas: o que o sujeito sente com relação ao seu desempenho, quanto esforço foi colocado nessa tarefa, os sentimentos de estresse e frustração experimentados dentre outros. Porém, a carga de trabalho possui elementos de diferentes tarefas, podendo variar de acordo com cada exigência.

Perante todos os conceitos acima explicitados, é possível observar que é unânime o consenso acerca da natureza das cargas de trabalho, pois para os diferentes autores, não há divergência de que estas se expressam na interação entre o trabalhador e as exigências da tarefa ao qual são submetidos, sendo que "o ser humano constrói sua qualidade de vida e saúde a partir das relações consigo mesmo e com o ambiente". (RIO et al., 2001, p.3).

2.3 Divisão das Cargas de Trabalho

Segundo Rio et al. (2001), e Greco et al. (1996), a carga de trabalho também pode ser dividida em carga externa e carga interna, as externas estão diretamente relacionadas aos impactos que vem do meio externo sobre o indivíduo como as físicas, químicas, biológicas e mecânicas. E a interna está mais voltada a questões de tensões vividas numa organização de trabalho, neste caso se expressam as fisiológicas e psíquicas.

Sendo assim, podemos dividir as cargas em:

- **Cargas físicas:** Para estas Cargas, são considerados todos os elementos que estão presentes tanto no ambiente de trabalho como fora dele, estão inclusas as temperaturas, umidade, fatores climáticos, ruídos, iluminação, etc. "Estes são derivados principalmente das exigências técnicas para a transformação do objeto de trabalho e caracterizam um determinado ambiente de trabalho que interage cordialmente com o trabalhador". (FACCHINI; LAURELL e NORIEGA, citado por GRECO; QUEIROS e GOMES, 1996).
- **Cargas químicas:** são conseqüências do objeto de trabalho e dos instrumentos utilizados para sua transformação como, por exemplo: poeira, radiações, fumaças e gases.
- **Cargas biológicas:** Estas estão diretamente relacionadas com as condições de higiene do próprio ambiente de trabalho e pode gerar ao trabalhador danos a sua saúde (FACCHINI citado por GRECO; OLIVEIRA e GOMES, 1996).
- **Cargas mecânicas:** São decorrentes da tecnologia utilizada, e das condições de instalação e manutenção do processo de produção (FACCHINI; LAURELL e NORIEGA, citado por GRECO; OLIVEIRA e GOMES, 1996).
- **Cargas fisiológicas:** Estas são relacionadas com a forma ao qual o trabalhador utiliza seu próprio corpo durante suas atividades laboral, sendo estas advindas de uma determinada posição ou da realização de esforços físicos (LAURELL e NORIEGA, citados por GRECO, OLIVEIRA e GOMES, 1996).
- **Cargas psíquicas:** Esta está relacionada diretamente as vivências de tensões ou descompensações psíquicas relacionadas diretamente a organização do trabalho.

Sobre esta última carga, existem alguns autores que a definem diferentemente, embora não se distanciam quanto à fonte de sua origem como se observa a seguir:

2.4 Diferentes Conceitos de Cargas Psíquicas do Trabalho

"Carga psíquica do trabalho resulta da confrontação do desejo do trabalhador à injunção do empregador, contido na organização do trabalho".

"Carga Psíquica do trabalho é a carga, isto é, o eco ao nível do trabalhador da pressão que constitui a organização do trabalho". (DEJOUR; ABOUCHELIN e JAYET, 1994).

Para Wisner (1994, p.13)

a carga psíquica pode ser definida em termos de níveis do conflito no interior da representação consciente ou inconsciente das relações entre a pessoa (ego) e a situação (no caso, a organização do trabalho). Mas ela é também o nível em que o sofrimento e a fadiga física, a falta de sono provocada pela distribuição dos períodos de trabalho nas 24 horas, a sobrecarga de trabalho cognitiva pode determinar distúrbios afetivos.

Já Laurell e Noriega (1989, p.12), definem cargas psíquicas como as que têm:

o mesmo caráter que as fisiológicas à medida que adquirem materialidade através da corporeidade humana. As cargas psíquicas, pensadas, sobretudo em função de suas manifestações somáticas e não tanto psicodinâmicas, podem provisoriamente ser agrupadas em dois grandes grupos: um que abrange tudo aquilo que provoca uma sobrecarga psíquica, ou seja, situações de tensão prolongada, e outro, que se refere a subcarga psíquica, ou seja, a impossibilidade de desenvolver e fazer uso da capacidade psíquica. Exemplos das primeiras características do processo de trabalho capitalista, podem ser a atenção permanente, a supervisão com pressão, a consciência da periculosidade do trabalho, os altos ritmos de trabalho, etc.

Pertence ao segundo grupo de questões a perda do controle sobre o trabalho ao estar o trabalhador subordinado ao movimento da máquina; a desqualificação do trabalho, resultado da separação entre sua concepção e execução; a parcialização do trabalho, que redundava em monotonia e repetitividade, etc.

Para Greco, Oliveira e Gomes (1996, p.62), as cargas psíquicas:

são relativas a organização da jornada de trabalho, a periculosidade do trabalho, a frequência de situações de emergência, ao grau de responsabilidade dentro do local de trabalho, a impossibilidade de falar com os companheiros de trabalho, de tomar iniciativas e decisões a respeito de como realizar o trabalho em grupo, ao conteúdo da supervisão, ao grau de monotonia e a repetitividade, ou a possibilidade de realizar atividades de defesa coletiva na área de trabalho.

Em relação as diferentes citações acima referenciadas, também os autores não convergem em relação à origem desta carga psíquica, ou seja, existe um certo consenso de que as cargas psíquicas são oriundas e ou produzidas na organização do trabalho.

Guérin et al. (2001, p.67), analisando a relação da saúde e relação psíquica com o trabalho, argumenta que: "Certas formas de organização do trabalho levam os trabalhadores, para manter seu posto, a construir defesas psíquicas que tem conseqüências graves para sua personalidade ou para sua saúde física".

Estas cargas foram investigadas através de um estudo de caso propiciando a partir destes uma análise das atividades desta categoria.

O estudo e uma análise das condições de trabalho propicia um aumento na eficácia, segurança e aproveitamento nas organizações, desta forma, insere-se a importância de uma Análise Ergonômica do Trabalho, sendo que esta vai revelar fatores que implicam a relação do trabalhador com seu trabalho real, bem como estratégias elaboradas por este, advindas de uma "amenização" do sofrimento. Estas estratégias funcionam como uma manutenção de "regulação da homeostase".

Para Rios et al. (2001, p.79) "homeostase é a estabilidade orgânica, ou a manutenção da estabilidade em todos os aspectos".

3 ERGONOMIA

Introduzida em 1949, pelo psicólogo inglês K. F. Hywell Murrel, o termo ergonomia aponta um domínio acerca de intervenções, compostas a partir de várias disciplinas científicas que colaboraram para o seu surgimento. Esta ciência nasce com o objetivo de estudar e analisar o trabalho, para que este possa assim ser adaptado de acordo com as características fisiológicas e psicológicas do trabalhador.

Sendo assim, a ergonomia objetiva transformar o trabalho para que este não altere a saúde do trabalhador e para que assim este possa exercer suas "competências ao mesmo tempo num plano individual e coletivo e encontrar possibilidades de valorização de suas capacidades" assinala Guérin (2001, p.1).

Atualmente a ergonomia otimiza as condições de trabalho, tendo como objetivo o bem estar do trabalhador, a sua segurança e o aumento de produtividade. Sua finalidade é potencializar a adequação entre homem, máquina e o ambiente físico de trabalho. Desta forma uma análise de todos os aspectos inerentes ao trabalho, irá fornecer ao analisando uma adequada visualização das necessidades de ajustes, para que propicie ao trabalhador conforto e segurança, resultando com isso eficiência e produtividade.

Historicamente, a ergonomia teve vários conceitos como:

- Ciência que se preocupa e estuda o relacionamento entre homem e seu ambiente de trabalho, levando em conta as adaptações do homem ao seu meio ambiente (MURREL, 1971);
- "Conjunto de conhecimento a respeito do desempenho do homem em atividade, a fim de aplicá-los a concepção das tarefas, dos instrumentos, assim como das máquinas e dos sistemas de produção" considerada por Laville (1977, p.1).
- "Conjunto de conhecimentos científicos relativos ao homem e necessários à concepção de instrumentos, máquinas, e dispositivos que possam ser utilizados com o máximo de conforto segurança e eficiência" (WISNER, 1994).

- Para Couto (1995), a ergonomia passa a ser um conjunto de ciências e tecnologia que procura uma forma de adaptação confortável e produtiva entre o ser humano e seu trabalho, basicamente procurando adaptar as condições de trabalho as características do ser humano.
- Para Rios (2001, p.80) "A ergonomia tem como pressuposto básico permitir que as interações dos seres humanos com o trabalho e no trabalho sejam as mais harmônicas possíveis. Ela avalia as relações que existem nestas interações e procura ajustá-los, para que sejam "homeostático" ou seja, adequados às características e necessidades psicofisiológicas humanas".

Percebe-se que em ergonomia a relação conforto/segurança/bem estar, estão sempre atreladas, sendo assim, não é possível pensar apenas em conforto, segurança e condições de trabalho adequadas, sem reportarmos também a produtividade, sendo que a ergonomia procura otimizar as condições de trabalho para que o trabalhador possa apresentar melhores rendimentos evitando assim situações de fadiga ou acidentes excessivos que interfere em seus rendimentos e em sua saúde.

Neste sentido é importante ressaltar a importância do caráter multidisciplinar desta ciência, a fim de interagir conhecimentos relativos ao homem, priorizando assim a adequação homem/máquina.

A visão da ergonomia enquanto um conjunto de tecnologias que permite um aumento de produtividade preservando o conforto dos trabalhadores, sem que o mesmo fique anormalmente fatigado, é antes de tudo, uma visão compatível ao que denominamos "empresa como sistema social eficaz, em que o ser humano no que ali trabalha é considerado antes de tudo como um cidadão e não simplesmente como um braço ou uma ferramenta descartável". (COUTO, 1995, p.21).

A ergonomia enquanto ciência busca enfocar melhorias no trabalho humano, adequando desta forma a ponto de interferir e modificar o trabalho para que este possa ser ajustado, segundo as condições psicofisiológicas do ser humano.

A preocupação desta a cerca do binômio homem/máquina, é uma constante que perpetua ao longo da história desta ciência. A mediação entre o homem e seu trabalho passa a ser objeto de estudo, onde analisa as condições de trabalho não apenas ao nível de desempenho, mas também de uma reconstrução do próprio trabalho.

Atualmente, percebe-se um enfoque ergonômico mais voltado também para questões cognitivas e psíquicas do trabalhador, almejando com isso reduzir as cargas de trabalho estabelecidas pela própria densidade do mesmo, como forma de amenizar o sofrimento psíquico causado pela própria organização do trabalho (MAIA, 1999).

3.1 Análise Ergonômica do Trabalho

Para se obter resultados satisfatórios em sua atuação, a ergonomia conta com um método de Análise Ergonômica do Trabalho (AET), que consiste em abordar determinantes da situação real de trabalho.

A análise ergonômica do trabalho, segundo Sell (1992, p.210), "É um instrumento para a análise das cargas, as quais as pessoas estão sujeitas num sistema de trabalho". Desta forma ela propicia uma visão real da situação de trabalho, permitindo que se possa analisar questões em relação à carga de trabalho e a interferência desta na saúde do trabalhador.

Montmollin (1990, p.30), ao se referir a uma AET argumenta que esta "implica sempre, em paralelo, uma descrição da tarefa e, especialmente, dos critérios (de produção, de qualidade, de segurança...) que permitirão calcular a eficácia das medidas propostas e uma descrição da atividade (os comportamentos, as competências...) que permitirão avaliar o realismo das medidas propostas".

Para Guérin et al. (2001, p.43) "Uma ação é ergonômica quando comporta uma análise da atividade de trabalho que contribui para desvendar as estratégias usadas pelos operadores para efetuar sua tarefa, ou seja, para atingir os objetivos que lhe foram fixados em determinadas condições".

Segundo os autores, esta análise servirá para se ter outro enfoque da empresa e seu funcionamento, articulando desta forma as "modalidades de gestão da distância entre o prescrito e o real".

Estes autores, ainda afirmam que para atingir os objetivos estabelecidos pela empresa, os trabalhadores elaboram estratégias de acordo com seu estado interno e seus conhecimentos. Estas estratégias podem sofrer constantes ajustes e novas orientações. Desta forma uma análise do trabalho poderá de certa forma esclarecer os casos em que há dificuldades para que faça cumprir objetivos fixados permitindo assim, identificar os determinantes que interferem em seu modo operatório e contribuir identificando mecanismo que agredem ou estão agredindo a saúde do trabalhador, para com isso preveni-los e transformar o trabalho.

Segundo Martins (1998, p.13), toda a Análise Ergonômica do Trabalho, deve sempre estar ligada na atividade real desempenhada pelo trabalhador, levando em conta as dificuldades dos novatos e as estratégias utilizadas pelos mais experientes. Para este autor, "É indispensável o diálogo com os trabalhadores já que é impossível avaliar a carga de trabalho apenas pelas exigências da tarefa".

Laville (1977), afirma que para se ter uma compreensão mais elucidada da situação de trabalho, precisa-se recorrer a Análise ergonômica do trabalho, pois esta irá proporcionar a real condição em que os trabalhadores realizam seu trabalho, sendo que é através desta análise que todos os elementos que permeiam o trabalho serão abordados e considerados servindo de subsídio para um diagnóstico.

Para Souza, (1994), este tipo de análise favorece a compreensão da atividade dos trabalhadores e é possível incluir aqui as posturas, esforços despendidos, busca de informações, que podem funcionar como uma resposta pessoal a determinantes que podem ter relações com a empresa como, por exemplo, a questão da organização do trabalho formal, restrições de tempo, etc.

Já para Wisner (1994, p.145),

ela comporta uma primeira fase de familiarização com a empresa, o sistema de produção e seus critérios de bom funcionamento e em particular, com aqueles critérios que não são alcançados e justificam a intervenção. Além disso, é preciso conhecer as situações de trabalho que parecem estar na origem das dificuldades e, se possível, a distribuição temporal dos problemas.

A Análise Ergonômica do Trabalho segundo Fialho (1995), divide-se em três fases: análise da demanda, análise da tarefa e análise das atividades. O levantamento realizado destas três fases permitirá elaborar um diagnóstico e, por conseguinte sugerir recomendações e sugestões.

3.2 Análise da Demanda

Esta permite entender os problemas apresentados e estabelecer um plano de mediação.

A ênfase desta fase destaca-se no fato de que em certos casos, os problemas aqui formulados "são de menor importância e mascaram outros de maior relevância do ponto de vista ergonômico" (FIALHO, 1995).

Para (WISNER, 1994), a análise da demanda parte da meta de compreender a finalidade do que é solicitado e esta se firmará segundo o autor através de um contrato entre o requerente e o ergonômista, para estabelecer critérios e parâmetros disponíveis e obter sucesso.

Fialho (1995) argumenta que a demanda é o princípio de toda a análise ergonômica do trabalho e sua origem pode proceder nos mais variados atores sociais de uma empresa que estejam relacionados a problemas ergonômicos que se expressam na situação de trabalho.

Guérin et al. (2001) referem-se a demanda como uma expressão de inúmeros objetivos que podem ou não ser compartilhados por todos, desta forma, é importante segundo estes autores, que se faça uma análise desta demanda "socialmente expressa" para delimitar o objeto e as possibilidades de ação.

Martins (1998), ao comentar sobre a relevância desta análise da demanda, comenta que esta é de vital importância devido à forma em que se irão distinguir interesses envolvidos em jogo, tipo de respostas, resoluções e ou sugestões que se irá fornecer para solucionar tais problemas. Para ele o ergonômista deverá estar totalmente voltado a questões que envolvam o problema ergonômico existente na situação a qual será analisada.

Já Laville (1977), define que a análise da demanda consiste primeiramente em estabelecer o grupo que pede ajuda ergonômica, conhecendo assim quais objetivos que estão definidos para poder "expressar esta demanda em termos ergonômicos" e esclarecer as finalidades de estudo.

3.3 Análise Ergonômica da Tarefa

Para alguns autores, como Guérin et al. (2001), Montmolin (1990), Martins, (1998), tarefa indica basicamente o que é determinado pela empresa e imposta aos trabalhadores, em outras palavras seria o que se tem que fazer. Já a atividade indica o que se faz realmente. Sendo assim a tarefa está associado a prescrições e obrigações fixamente determinadas e atividade, seria a estratégia utilizada pelo sujeito para fazer valer tais objetivos fixados anteriormente.

Segundo Fialho (1995) "tarefa é um objetivo a ser atingido. Neste sentido, sua análise coincide com a análise das condições dentro das quais o trabalhador desenvolve suas atividades de trabalho".

Para Guérin et al. (2001, p.15) "a tarefa não é o trabalho, mas o que é prescrito pela empresa ao operador. Essa prescrição é imposta ao operador: ela lhe é, portanto exterior, determina e constrange sua atividade. Mas ao mesmo tempo, ela é um quadro indispensável para que ele possa operar ao determinar sua atividade, ela o autoriza".

A tarefa, para os autores acima, é um conjunto de objetivos e prescrições impostas aos trabalhadores para que eles possam atingir tais objetivos definidos

externamente. Porém, estas prescrições ou tarefas, geralmente não levam em conta as diferenças de cada trabalhador acarretando muitas vezes a constrangimentos que ao longo do tempo podem ser remodeladas pelos trabalhadores que criam estratégias como forma de se esquivarem de situações que afetam seu estado físico-emocional.

Montmollin (1990, p.20-30), define tarefa como o que é apresentado ao trabalhador, as instruções e os objetivos para que este as realize. Para o autor "tarefa em si opõe-se à atividade, processo complexo, original e em evolução, destinado a adaptar-se à tarefa, mas ao mesmo tempo a transformá-la".

Desta forma o autor considera que a "tarefa" é um conjunto constituído pela máquina, suas manifestações e reações, a forma exigida na situação de trabalho e os procedimentos prescritos, envolvidos pelos conhecimentos necessários.

Numa situação de trabalho, a tarefa corresponde a uma forma de apreensão real do trabalho cujo objetivo volta-se na redução de trabalho improdutivo (ponto de vista da gestão) e otimizar o trabalho produtivo (GUÉRIN et al., 2001).

Depois de estabelecido o objeto de estudo através da análise da demanda e até mesmo antes de se iniciar a análise da atividade é importante que se faça contato detalhado com todos os departamentos da empresa que segundo o teórico citado, de uma maneira ou de outra a maior parte dos departamentos estão envolvidos na demanda de ação ergonômica e estas possuem informações formalizadas ou não que dizem respeito aos problemas levantados. Podendo, portanto ajudar a elucidá-los.

O ergonomista deve também levar em conta os fatores técnicos empregados, os fatores econômicos e os fatores organizacionais. Nestes encontram-se os sistemas hierárquicos, divisão de setores, recrutamento e seleção, treinamentos, etc.

Todos estes dados vão permitir ao ergonomista formular hipóteses que estejam envolvidas a carga de trabalho, as quais estão submetidos os trabalhadores.

3.4 Análise da Atividade

Fialho (1995), define análise da atividade como análise do comportamento frente à situação de trabalho, levando em conta os recursos que são disponíveis aos trabalhadores. Este comportamento frente ao trabalho envolve: postura, gestos, comunicações, raciocínio, estratégias utilizadas. Enfim, tudo o que pode ser observado e apreendido das condutas dos trabalhadores.

Os dados coletados nesta fase, segundo o autor podem ser confrontados com os das fases anteriores, comprovando as hipóteses, levantando ou formulando outras a fim de estabelecer um pré-diagnóstico do trabalho analisado.

Já Guérin et al. (2001 p. 15) resumem atividade de trabalho como um recurso, uma "estratégia de adaptação à situação real de trabalho, objeto de prescrição".

Para estes autores, existe uma distância entre o prescrito e o real e esta contradição manifesta-se no ato de trabalho "o que é pedido" e "o que a coisa pede". "A análise ergonômica da atividade é a análise das estratégias (regulação, antecipação, etc.) usadas pelos operadores para administrar esta distância, ou seja, a análise do sistema homem/tarefa".

Wisner (1994, p.97) destaca a análise da atividade em três objetivos:

- Uma descrição minuciosa das atividades humanas no trabalho;
- Indicação das inter-relações envolvidas nesta atividade;
- Uma descrição completa do trabalho em si.

Para este autor, uma observação detalhada dos comportamentos no trabalho, levará a uma análise realista.

Um dos aspectos capitais desse realismo é estudar o conjunto das atividades matrizes, não somente os gestos de ação, mas também os de observação (movimentos da cabeça e olhos, por ex.) e os de comunicação (palavra, gestos). De resto, todos os gestos e posturas serão considerados tanto do ponto de vista da atividade de produção quanto da carga de trabalho.

Montmollin (1990), considera a atividade como o modo que o sujeito encontra para realizar as ordens prescritas.

Deste modo é possível compreender a atividade como uma forma que o trabalhador encontra para realizar seu trabalho, ela é elaborada através de estratégias adotadas pelos trabalhadores para atingir o resultado final (objetivo) desejado.

Assim, a análise da atividade real de trabalho, tem como objetivo, compreender os determinantes envolvidos em uma situação de trabalho. É através desta análise que o ergonomista busca apreender ou encontrar os componentes físicos, psíquicos e cognitivos envolvidos na carga de trabalho e a repercussão destas na saúde do trabalhador.

3.5 Trabalho Prescrito e Trabalho Real

Existe uma distância significativa entre o trabalho prescrito e o trabalho real. Desta forma dificuldades encontradas nas condições de execução de um trabalho e ao seu ajustamento, estão relacionadas ao fato de se considerar o trabalho prescrito ignorando o trabalho real.

Ao prescrever um trabalho, geralmente não se leva em conta, o fator humano, isto é, as particularidades de cada trabalhador, sendo que cada indivíduo traz juntamente consigo, uma bagagem individual, formas de pensar, agir, etc. Desta forma a prescrição de uma tarefa é exterior ao trabalhador e o é imposta.

Temos então duas colocações: de um lado a empresa, suas regras de funcionamento e o contexto de realização do trabalho, bem como sua prescrição. De outro o trabalhador com suas particularidades e características próprias e a sua atividade de trabalho. Este trabalhador se depara com uma situação de trabalho, onde prevalece "à vontade do outro" e a partir daí precisa atingir metas que lhe são impostas. O que se observa é que este trabalhador irá encontrar formas próprias e pessoais, de fazer valer estes objetivos, isto é, de realizar esta tarefa que lhe foi prescrita.

Esta forma de efetivar seu trabalho define-se como trabalho real e muitas vezes pode acarretar conseqüências negativas para este trabalhador, tais como (alterações da saúde física, psíquica e social), podendo também ter efeitos positivos

tais como (aquisição de novos conhecimentos, enriquecimento de experiência) dependendo de cada trabalhador (GUÉRIN et al., 2001).

Desta forma muitas disfunções encontradas na produção de uma empresa e que acarretam conseqüências negativas para a saúde do trabalhador, tem origem no desconhecimento do trabalho tal como este "pode" ser executado pelo trabalhador e mais precisamente no desconhecimento desta "máquina humana" que se apropria de um conhecimento e estratégias próprias para validar suas atividades.

Neste propósito ressalta-se a importância e a intervenção de uma análise ergonômica que o permitirá ajudar ou abordar os meios utilizados pelos trabalhadores para que estes possam realizar os objetivos que lhe são designados, preservando assim seu estado físico, psíquico e social. Porque não se pode olhar este homem como um ser a parte, independente do meio que o cerca. Na verdade este está envolvido em toda uma situação socioeconômica e cultural. Este é um todo e traz junto a si uma história pessoal que se concretiza por aspirações e desejos que se junta a sua história e isto confere a cada indivíduo características únicas e pessoais (DEJOURS, 1994).

É importante definir que o trabalho prescrito dificilmente corresponde ao trabalho real, pois este vem ao encontro de uma organização própria dos trabalhadores para realizar este trabalho que lhe foi prescrito.

Para tanto, em uma análise ergonômica do trabalho, a compreensão e o conhecimento do trabalho prescrito, e das suas regras fixadas é tão importante quanto conhecer o trabalho real desenvolvido pelos trabalhadores.

4 ESTUDO DE CASO

Para demonstrar a importância da contribuição da Ergonomia enquanto ciência, utilizou-se sua metodologia como forma de melhor focar o estudo de caso.

4.1 Metodologia

A metodologia aplicada neste estudo foi a Análise Ergonômica do Trabalho, seguindo as três etapas distintas já explicitadas no item três, tais como a análise da demanda, análise da tarefa e análise das atividades.

Durante as primeiras visitas, foram realizadas observações abertas e entrevistas informais com alguns setores da empresa, com objetivo de conhecer e compreender a dinâmica do sistema de produção, o ambiente e as pessoas que fazem parte da gestão, assim como os diferentes autores que compõem esta organização.

Num outro momento, foi formulado e aplicado questionário semi-abertos com os "interlocutores" de diferentes setores com objetivo de abstrair informações, permitindo um maior conhecimento da realidade organizacional e dos problemas imbuídos neste âmbito.

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com os indivíduos envolvidos diretamente com o posto analisado, (no caso os coletores de lixo) e os que estavam indiretamente relacionados (fiscais, chefe da divisão de coletas, etc.), com a finalidade de ampliar a caracterização da situação de trabalho.

Foi entregue aos trabalhadores um questionário auto-aplicável com intuito de averiguar a carga física e psíquica existente em seus postos de trabalho.

Durante o acompanhamento das rotinas das atividades, ocorreram observações abertas e sistemáticas dos comportamentos dos trabalhadores em atividade, inclusive com filmagens de determinadas ações, registro cursivo de comportamentos e registros fotográficos de algumas situações que implicavam na demanda a ser analisada, bem como utilização de gravador e entrevistas estruturadas para favorecer a fidedignidade da pesquisa.

Utilizaram-se também recursos de questionários previamente elaborados com intuito de coletar informações referentes aos coletores de lixo, considerando neste os fatores intrínsecos a carga de trabalho e a organização dos mesmos.

4.1.1 Coleta de dados

A coleta de dados foi iniciada primeiramente num estudo piloto no mês de agosto de 2001 e após de julho a outubro de 2002, seguida da autorização oficial do Diretor da Empresa.

Para a análise da demanda e análise da tarefa, foram abordados profissionais da área administrativa tais como: Gerência do setor operacional, engenheiro de segurança do trabalho, técnico de segurança do trabalho e fiscais.

Na análise da atividade, foram abordados e observados 11 garis que faziam parte de três roteiros: Morro, Praias e Continente.

4.1.2 Instrumentos para a coleta de dados

Foram elaborados questionário semi-aberto e entrevistas informais com diferentes profissionais da área administrativa.

Entrevistas semi-estruturadas com os coletores de lixo, observações sistemáticas dos comportamentos dos trabalhadores em atividade, registro cursivo de comportamentos e registros fotográficos de algumas situações que estavam diretamente ligadas à demanda a ser analisada.

4.1.3 Análise de dados

A análise de dados foi realizada seguindo a metodologia da análise ergonômica do trabalho que consta: análise da demanda, análise da tarefa, análise da atividade, e recomendações ergonômicas.

Para análise das cargas físicas do trabalho dos coletores de lixo utilizou-se de um questionário semi-aberto investigativo com indicadores de sintomatologia aplicado ao trabalhador, com objetivo de diagnosticar se o trabalho desta categoria acarreta em sobrecargas psíquicas e o tipo de dores causado pelo próprio trabalho.

Para carga psíquica, foi utilizada a Escala de Lemos (Lemos,2001, p.48), que constava de um questionário auto-aplicável, cuja escala se dava

em escala de LIKERT para facilitar a compreensão e o preenchimento do questionário por parte dos entrevistados, além de facilitar a leitura das respostas por parte do pesquisador as opções de respostas assumem valores numéricos positivos na escala: Nunca = 1; Raras Vezes = 2; Algumas vezes = 3; Muitas vezes = 4 e Sempre = 5.

Segundo o autor, a distribuição dos valores se dá da seguinte forma:

Raras vezes, equivale a situações que ocorrem a uma vez por mês; algumas vezes, a uma vez por semana; muitas vezes, a duas vezes por semana e sempre, todos os dias. As seis primeiras questões estão relacionadas às cargas físicas, e da sete até a vinte um, a carga psíquica proveniente da organização do trabalho.

A análise dos dados se deu de forma descritiva e analítica confrontando dados teóricos, com o discurso dos componentes de nossa população de entrevistados.

4.2 Análise Ergonômica do Trabalho dos Coletores de Lixo Domiciliar e Convencional (GARIS)

4.2.1 Demanda

A Demanda teve sua origem na intenção da autora desta pesquisa, em aprofundar a nível acadêmico as condições de trabalho dos coletores de lixo.

4.2.2 Hipóteses que partiram da demanda

- A questão dos diferentes itinerários pelas quais percorrem estes trabalhadores influencia na Carga de Trabalho desta categoria?
- Falta de treinamento e qualificação desta categoria, resultam em acidentes ou incidentes?

4.2.3 Caracterização do local de estudo

Companhia Melhoramentos da Capital (COMCAP) é uma empresa mista que cuida da limpeza de Florianópolis, contratada pela Prefeitura Municipal (acionista majoritária).

Originou-se do Plano de Desenvolvimento Municipal (PLADEM) em 1964, cujo objetivo se voltava à exploração de artefatos de cimento. Em seguida foi substituída pela Empresa Municipal de Artefatos de Cimento (EMACIM) que visava a produção de lajotas, tubos e meio-fio, servindo assim a Secretaria Municipal de Obras que se responsabilizava pela pavimentação da cidade.

Devido ao alto custo das obras públicas de pavimentação, gerou-se uma empresa de economia mista municipal, que pudesse gerar com maior eficiência serviços de âmbito municipal, sendo então criada a COMCAP, através da lei municipal n.º 1022 de 22 de julho de 1971.

Esta iniciou com uma estrutura administrativa composta por dois diretores e 5 empregados. No setor operacional, incorporou a estrutura física e funcional da EMACIM com 100 empregados.

Nos anos 70, sua atribuição girava em torno de cobranças de taxas de pavimentação à Prefeitura Municipal de Florianópolis e em pavimentação comunitária. Em 76, ela assumiu nova atribuição com a criação do Departamento de Limpeza Pública (LIMPU), cuidando então da Coleta de Lixo da cidade como: serviço de varrição de ruas, capinação, remoção e limpeza de valas a céu aberto, ampliando para 300 o quadro funcional.

Em 1978 foi implantada a operação de verão para atender a demanda turística, implantando em 1986 o projeto Beija-Flor em alguns bairros estabelecendo a então forma pioneira no Brasil – coleta seletiva pelo sistema porta-a-porta. Sendo então expandida em 1994 para 90% da área urbana da cidade. Sua sede administrativa está concentrada no Estreito, rua 14 de julho.

A COMCAP vem então norteando seus serviços pelos critérios de humanização do trabalho pelo respeito à preservação do meio ambiente, especializando-se em sua missão de coletas e destinação do lixo e de limpeza pública.

Atualmente, esta conta com novos sistemas de resíduos sólidos, coleta mecanizada e contentores, gerando, por conseguinte, novos procedimentos de trabalho que reduzem o esforço físico e os riscos da tarefa executados pelos garis.

Com a produção de lixo que vem crescendo a cada ano na Capital, houve necessidade de adequar o sistema de coletas de resíduos da cidade, adequando a transferência de lixo ao seu destino final, construindo o Centro de Transferência de Resíduos Sólidos de Florianópolis em Itacorubi, inaugurado em junho de 2000.

No antigo local de aterro sanitário da cidade, mais precisamente no bairro Itacorubi, construiu-se a Estação de Transbordo do lixo recolhido na cidade que incluem um galpão para a descarga e transferência do lixo domiciliar ao destino final com 600 metros quadrados de área construída e capacidade para 450 toneladas por dia.

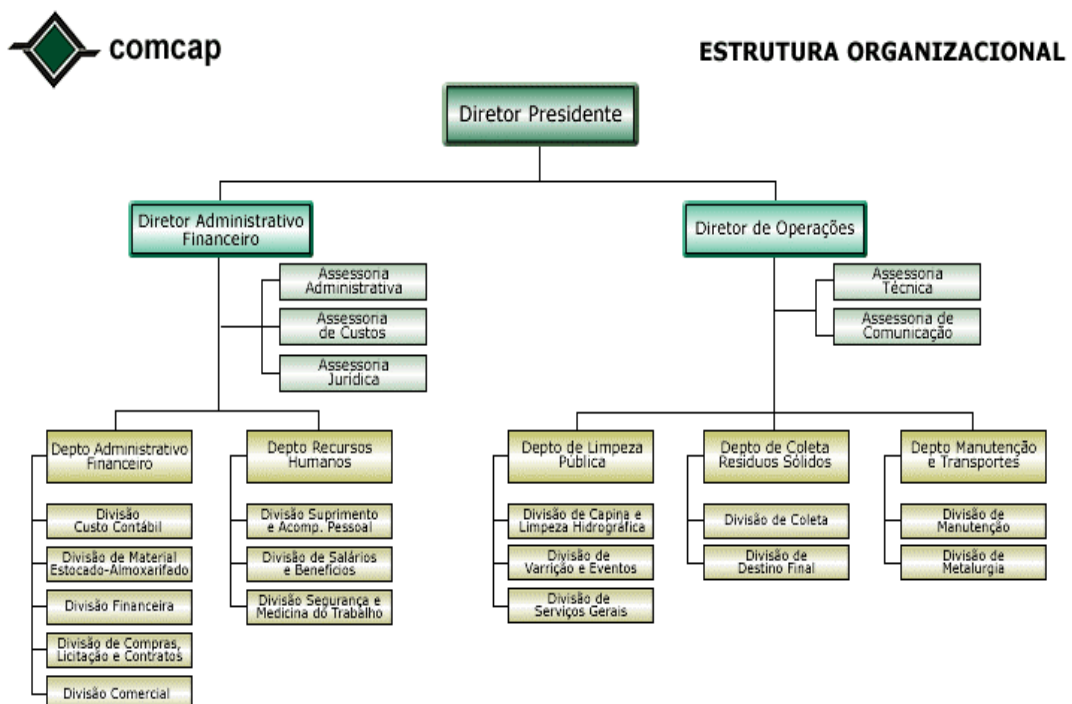
Esta conta também com sistema de lavagem constante e de tratamento de água utilizada, diminuindo assim o mau cheiro e proliferação de vetores de doenças como insetos.

Atualmente a empresa possui aproximadamente 1.100 empregados e desenvolve as seguintes atividades:

- coleta de lixo domiciliar;
- remoção de lixo pesado;
- coleta de lixo seletiva;
- remoção de entulho;
- caixas "books";
- remoção de resíduos/entulho em qualquer parte da cidade –Programa de olho na sujeira;
- campina mecanizada;
- campina manual;
- campina química;

- roçagem;
- limpeza de canais e valas a céu aberto;
- varrição;
- limpezas de praças;
- remoção de resíduos de praças e parques;
- administração de estacionamento;
- limpeza em eventos como festas populares, religiosas e promovidas pela Prefeitura do Município;
- programa de mutirões desenvolvido pela Prefeitura Municipal.

A seguir apresenta-se o organograma da empresa, onde observa-se a ordem hierárquica desta estrutura organizacional, ao qual estão subordinadas à categoria de coletores de lixo da empresa.



Esta empresa é responsável por todas as coletas de lixo da cidade, tanto domiciliares, industriais, como hospitalar (postos de saúde).

Existem bairros, principalmente os das praias como a Joaquina, e Barra da Lagoa, que possuem grande concentração de contêineres devido a quantidade de restaurantes que se concentram nestas áreas.

Todos os bairros também possuem coletas seletivas, sendo que um caminhão faz somente este tipo de coleta e um outro que é terceirizado pela Comcap (Empresa Formaco), faz a coleta hospitalar e os demais lixos são recolhidos pelas coletas convencionais.

A grande maioria de coletas realizada na capital e seus respectivos bairros é a convencional, ou seja, caminhão com três ou mais garis que recolhem o lixo acondicionado em sacos plásticos nas ruas e depositam no veículo.

Neste estudo foram observados apenas os coletores de lixo da coleta convencional, ou seja, a domiciliar.

Existem três tipos de roteiros: morros, praias e bairros residenciais, onde o lixo é coletado três vezes por semana. Na região central da cidade, a coleta é feita diariamente no período noturno, devido a grande concentração de pedestres e ruas estreitas que impede a passagem do caminhão coletor. Em função disto a coleta é realizada por um "tobata" (pequeno veículo que serve para coletas em locais de difícil acesso). Os três roteiros como morro, praias e bairros residenciais foram observados.

4.2.4 Caracterização da amostra

A amostra pesquisada foi de onze garis e compreendiam três equipes perfazendo os roteiros descritos a seguir:

- A primeira equipe é composta por três mulheres e um motorista. Estes fizeram o roteiro do Morro da Lagoa, Avenida geral da Lagoa, Avenida das Rendeiras, Avenida Geral da Barra da Lagoa, centro comercial e a praia da Joaquina.
- A segunda equipe compõe-se de quatro garis e um motorista e fizeram o roteiro dos morros tais como: Morro da agrônômica, Morro da Mariquinha,

Monte Serrat, Morro do 25, Morro do Escala, Morro do Céu, Servidão Franzone e Almirante Carneiro.

- A terceira equipe também composta por quatro garis e um motorista que fizeram o roteiro do continente tal como: Avenida central do Estreito, Bairro Monte Cristo, Favela do Chico Mendes, Jardim atlântico, Sapé, Pro-morar e Conjunto panorâmico.

Dados sobre a amostra envolvida:

QUADRO 1 - PRIMEIRA EQUIPE

FAIXA ETÁRIA	FREQÜÊNCIA	SEXO	TEMPO DE SERVIÇO	ESCOLARIDADE	NÚMERO DE FILHOS	ESTADO CIVIL	CASA PRÓPRIA
45 anos	1	Fem.	2 meses	5. ^a série	3	Viúva	Sim
40 anos	1	Fem.	2 meses	2. ^o grau completo	0	Solteira	Aluguel
22 anos	1	Fem.	2 meses	2. ^o grau incompleto	2	Solteira	Sim

FONTE: Pesquisa de campo

QUADRO 2 - SEGUNDA EQUIPE

FAIXA ETÁRIA	FREQÜÊNCIA	SEXO	TEMPO DE SERVIÇO	ESCOLARIDADE	NÚMERO DE FILHO	ESTADO CIVIL	CASA PRÓPRIA
39 anos	1	Masc.	2 meses	2. ^o grau completo	1	Casado	Sim
35 anos	1	Masc.	9 anos	4. ^a série	2	Casado	Sim
31 anos	1	Masc.	10 anos	5. ^a série	4	Casado	Sim
33 anos	1	Masc.	1 ano	6. ^a série	1	Casado	Sim

FONTE: pesquisa de campo

QUADRO 3 - TERCEIRA EQUIPE

FAIXA ETÁRIA	FREQÜÊNCIA	SEXO	TEMPO DE SERVIÇO	ESCOLARIDADE	NÚMERO DE FILHOS	ESTADO CIVIL	CASA PRÓPRIA
33 anos	1	Masc.	10 anos	6. ^a serie	4	Casado	Sim
32 anos	1	Masc.	7 anos	7. ^a série	3	Casado	Sim
29 anos	1	Masc.	1 ano	7. ^a série	2	Casado	Aluguel
28 anos	1	Masc.	2 anos	8. ^a série	2	Casado	Sim

FONTE: pesquisa de campo

4.3 Análise Ergonômica da Tarefa

De acordo com a descrição das atividades, o Coletor de lixo, deve coletar lixo acumulado em logradouros públicos, valas a céu aberto e outros locais, despejando-os em veículos e depósitos apropriados.

4.3.1 Descrição das atividades

- Executar serviços de coleta de resíduos sólidos, junto aos caminhões coletores ou através de micro tratores (tobata), seguindo roteiros preestabelecidos.
- Utilizar equipamentos apropriados para coleta de lixo em ruas, calçadas, praças, logradouros públicos e outros.
- Carregar e descarregar veículos coletores de lixo, efetuando disposição adequada dos resíduos coletados.
- Auxiliar na operação e manobra do coletor.
- Manter contato com os munícipes quando necessário, dentro de sua atividade.

4.3.2 Requisitos

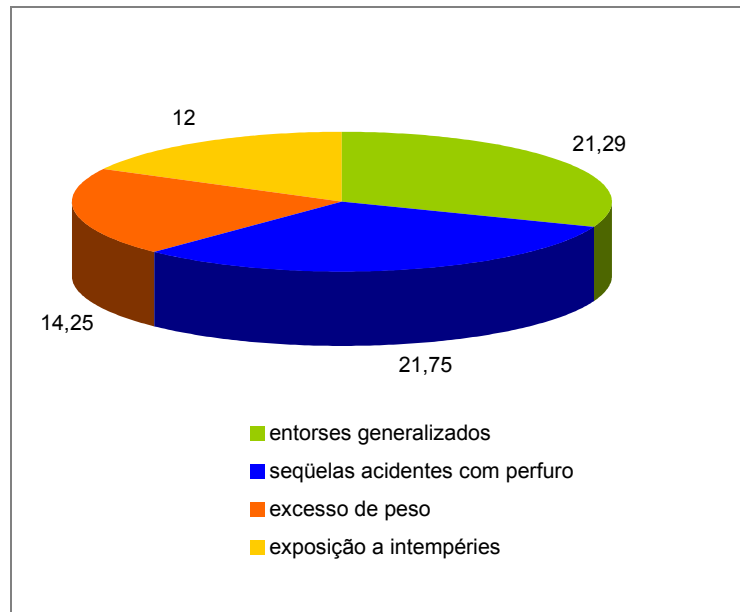
O cargo não requer do ocupante o ensino fundamental completo.

4.3.3 Dados fornecidos pela empresa

Foi entregue um questionário para a administração da empresa (ver anexo 3) e por meio dele obtivemos informações em relação aos afastamentos dos trabalhadores por motivo de saúde em geral.

Neste ano a empresa notou um afastamento total de 69,29% dos seus trabalhadores da coleta de lixo convencional (gráfico 1), sendo que destes, 57,29% dos afastamentos observados são decorrentes de seqüelas de acidentes de trabalho. Dentre estes, verificou-se que 21,29% se afastaram por motivo de entorses generalizados (torção de joelhos e tornozelos) e distensão muscular, 21,75% dos afastamentos, foram por seqüelas de acidentes como objetos pérfuro-cortantes em geral, 14,25% por excesso de peso devido a procedimentos incorretos no levantamento de lixo e 12% de exposição a intempéries (resfriados comuns).

GRÁFICO 1 - MOTIVOS DE AFASTAMENTO DOS TRABALHADORES DA COLETA DE LIXO CONVENCIONAL



FONTE: Pesquisa de campo

Ainda com relação aos acidentes de trabalho, a empresa nos forneceu dados que mostram que 80% dos funcionários que se afastaram por motivo de acidente de trabalho retornam ao trabalho antes de 15 dias de afastamento.

Em relação à amostra estudada, obtivemos os seguintes dados a partir da análise das entrevistas. Onze trabalhadores, quatro deles (os mais antigos nesta profissão), sofreram em média cinco acidentes no decorrer de suas carreiras e afirmaram que a maior causa destes acidentes de trabalho eram as lesões perfuro-cortantes, entorses em geral e distensão como demonstra o discurso deste coletor de lixo:

uma vez eu fiquei 14 dias com distensão na virilha e hoje quando eu tava ali no morro eu corri e subi no estribo e estiquei a minha perna demais e já senti a virilha. Corte de vidro eu já cortei 4 vezes. Mas os outros se cortam direto as vezes eles tem que ir até para a perícia.

4.3.4 O trabalho dos coletores de lixo

Os coletores de lixo trabalham perfazendo 8 horas diárias, seis dias por semana com uma folga aos domingos.

Segundo Duarte (1998, p.16), os coletores

devem sempre completar determinado roteiro de coleta de lixo, ficando dispensados, se completarem em menos de 8 horas e se não conseguirem em 8 horas recebem pelas horas extras. De novembro a dezembro são todos 'proibidos' de sair de férias, pois neste período, o volume de trabalho é muito intenso devido aos turistas que visitam Florianópolis. Estes chegam a trabalhar até 10 horas em um dia e o salário mensal aumenta, devido as horas extras.

Também no mês de Dezembro existe a gratificação que é doada pela população em geral. Neste mês, é entregue nos roteiros um cartãozinho de confraternização do pessoal da limpeza pública para cada morador, após alguns dias passam para recolher tais gratificações (champagne, chocolates, panetones, dinheiros...). Ainda neste mês, também ocorre contratação por prazo determinado de 89 dias para garis e motoristas que trabalharão nos roteiros das praias, sendo que para estas contratações provisórias, não ocorre treinamento.

Existem três jornadas de trabalho:

- matutino que inicia das 7h00 às 15h00 (segunda a sexta), sábado das 7h00 às 12h00;
- vespertino das 15h00 às 23h00 (segunda a sexta). Sábados das 14h00 às 19h00;
- noturno das 21h00 às 3h15 min (segunda a sexta). Domingo das 21h00 à 1h30 min.

Além do salário de R\$ 450,00 a empresa oferece também gratificações por tempo de serviço, insalubridade e produtividade além de alguns benefícios sociais como a COMCAPREV (plano de previdência privada) e meio salário mínimo para dependente com deficiência física.

Os coletores de lixo ingressam na empresa através de concurso público, sendo que a última data de 2000, constando de um teste psicotécnico, teste de corrida (800 metros), teste demonstrativo de coleta de lixo no chão para colocá-lo no caminhão (treinamento), eletrocardiograma de esforço em esteira rolante e exame médico.

No último concurso se inscreveram 772 candidatos destes, 355 candidatos foram aprovados. Para o cargo de gari, foram aprovadas quatro mulheres, que segundo informações do Técnico de Segurança, "a grande maioria delas que prestam concursos não sabem que é para trabalhar na coleta de lixo, isto é, elas optam pelo cargo de gari, achando que é para limpar (varrer) as ruas". Um exemplo típico disto está na fala do gari:

– estou só a 2 meses mais to gostando. Quando fiz o concurso, achei que iria ser margarida, ai levei um susto meu, mas agora estou gostando.

Hoje, com a proibição de qualquer tipo de discriminação da mulher no mercado de trabalho e com as reivindicações feministas dos últimos anos, cada vez mais mulheres estão adentrando em profissões tradicionalmente masculinas, sendo que muitas vezes estas encontram dificuldades, sejam elas referentes à discriminação pelos próprios colegas como coloca este gari: "No começo eu trabalhava com outro gari e ele era machista até demais, porque ele achou que mulher não servia para trabalhar ali e que aquilo era para homens..." ou inadequação dos postos e ferramentas como se refere Messing, (2000, p.88).

a adaptação do posto de trabalho à compleição física do trabalhador contribui não somente para prevenir os riscos de acidentes ou de patologias, como também para reforçar as condições de igualdade, na medida que deixam de ter de calar as dificuldades e desconfortos que sentem para aceder a este tipo de emprego.

Segundo informação da Empresa, no Brasil, Florianópolis é pioneira em atribuir o cargo de gari também à mulheres.

Características dos Coletores de lixo

O coletor de lixo, segundo a empresa Comcap, tem baixa escolaridade, sendo que a grande maioria (os mais antigos na profissão), possui o ensino fundamental incompleto.

Muitos destes trabalhadores exerceram anteriormente a profissão de pedreiro, carpinteiro, em frigoríficos e os gari mulheres eram diaristas, cozinheiras, ou domésticas.

Segundo informação da empresa, o salário inicial desta categoria é de R\$ 450,00 (quatrocentos e cinquenta reais), mais vale-transportes, vale-refeição e o percentual de insalubridade.

A mesma empresa conta com 148 coletores de lixo domiciliares, sendo quatro destes do sexo feminino. Alguns dos trabalhadores desta categoria passam por treinamentos admissionais com psicólogos, pedagogos, gerencia dos empregados e segurança do trabalho.

O treinamento ocorre durante dois dias, iniciando com palestras sobre meio ambiente e após uma Psicóloga ou Pedagoga fala sobre a empresa, onde repassa funções do RH, férias, direitos e deveres dos garis.

Em seguida juntamente com a chefia é apresentada a forma de trabalho do gari, o que é cobrado destes e quais os objetivos do trabalho. Em seguida, o pessoal responsável pela segurança do trabalho, demonstra como funciona o trabalho, os riscos aos quais estarão expostos nesta categoria, e quais as medidas para prevenir e evitar acidentes.

O treinamento no caminhão só ocorre quando tem mais de quatro garis, caso contrário eles irão direto para o trabalho sem passar pelo mesmo.

Segundo informações da empresa, até 1994, havia o treinamento no caminhão e todos os garis passavam por ele, a partir deste ano, somente o treinamento introdutório passou a valer.

Alguns coletores de lixo (mais antigos na profissão), colocaram que o treinamento deles ocorreu no próprio trabalho, subindo no caminhão e indo trabalhar.

A média de permanência destes funcionários é de 10 anos nesta atividade (coleta de lixo) e 20 anos na empresa conforme entrevista com o gerente do departamento de operações: "Quando o indivíduo não consegue mais produzir ele é transferido para outro setor, (isto, é claro, se comprovado pelo médico do trabalho e pelo INSS)".

A atividade do coletor de lixo faz com que estes corram em média 20 a 30 km por dia, dependendo do roteiro ao qual é destinado, coletando os lixos encontrados pelas calçadas, lixeiras, contêineres e mesmo os que não estão acondicionados em sacolas plásticas e espalhados pelas lixeiras ou fora das mesmas.

Para a realização do trabalho são designadas equipes de cinco, sendo um motorista e quatro garis para roteiros onde há maior concentração de lixo e maior dificuldade de coleta como morros ou becos muito estreitos que não permitem manobra do caminhão.

Em roteiros onde há pouca concentração de lixos, como as praias que no inverno reduzem números de turistas e freqüentadores, a equipe nestes roteiros passa a ser de três garis e 1 motorista.

As equipes partem da empresa dentro das cabines dos caminhões, isto quando são três garis e um motorista, no caso em que o numero de garis passa de três, dois vão na cabine com o motorista e dois seguem no estribo (parte metálica, onde os garis deslocam-se ao longo dos roteiros durante suas atividades).

Eles fazem o trajeto (cruzando toda a cidade, a beira mar norte) no estribo do caminhão, até o local de trabalho, correndo risco de cair caso o motorista tenha que frear ou mesmo durante uma colisão.

As atividades de trabalho dos coletores de lixo são realizadas em espaço aberto, nas ruas, estando estes sujeitos a todos os tipos de exposição às intempéries como: a chuva, sol forte, frio intenso, etc., causando, por conseguinte, gripes, resfriados ou outras complicações de saúde.

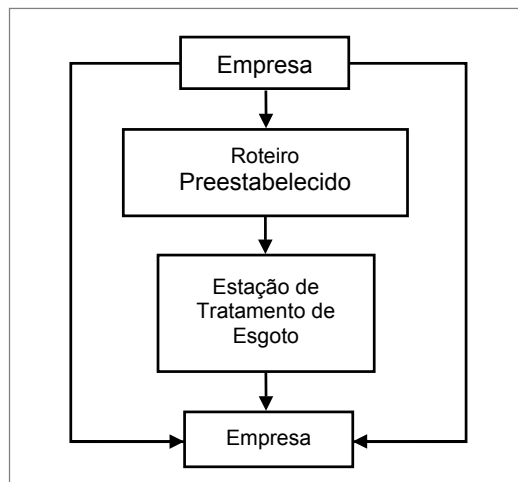
Esta categoria de trabalhador recebe da empresa os equipamentos de proteção individual EPI(s) como as luvas nitrílicas, tênis de segurança, meias, coletes refletivos, capa de chuva, calça ou bermuda e camiseta. A reposição destes EPI(s), quando em condições de uso precário, é feito pelo próprio gari que informa o fiscal e este assim substitui por um outro novo.

Durante o inverno, estes coletores de lixo usam por cima da camiseta, uma blusa mais grossa que segundo eles: "a camiseta é muito fria e temos que colocar outra por cima". Já nos dias de chuva, nem todos usam suas capas porque: "atrapalha o serviço", ou seja, acabam diminuindo o ritmo de trabalho, prejudicando a produção e facilitando até mesmo riscos de acidentes.

As equipes do turno matutino fazem suas refeições (almoço) no centro de tratamento do lixo (antigo aterro) no Itacorubi, onde os caminhões fazem seus descarregamentos. Lá funciona também o refeitório, onde os garis e outros funcionários da empresa fazem suas refeições com um horário definido das 12h00 às 13h00.

As duas equipes observadas no horário matutino, terminaram suas atividades por volta das 12h30min. Após os descarregamentos do caminhão, os garis juntamente com o motorista e veículo retornam para a empresa (figura 2).

FIGURA 2 - ROTEIRO DA COLETA DE LIXO



FONTE: Pesquisa de campo

De acordo com este esquema, os garis se deslocam da empresa até seus roteiros que já estão preestabelecidos, e em seguida, eles vão para a estação de tratamento onde fazem o descarregamento e voltam novamente aos roteiros. Caso já tenham terminado suas coletas, retornam para a empresa.

4.3.5 Equipamentos

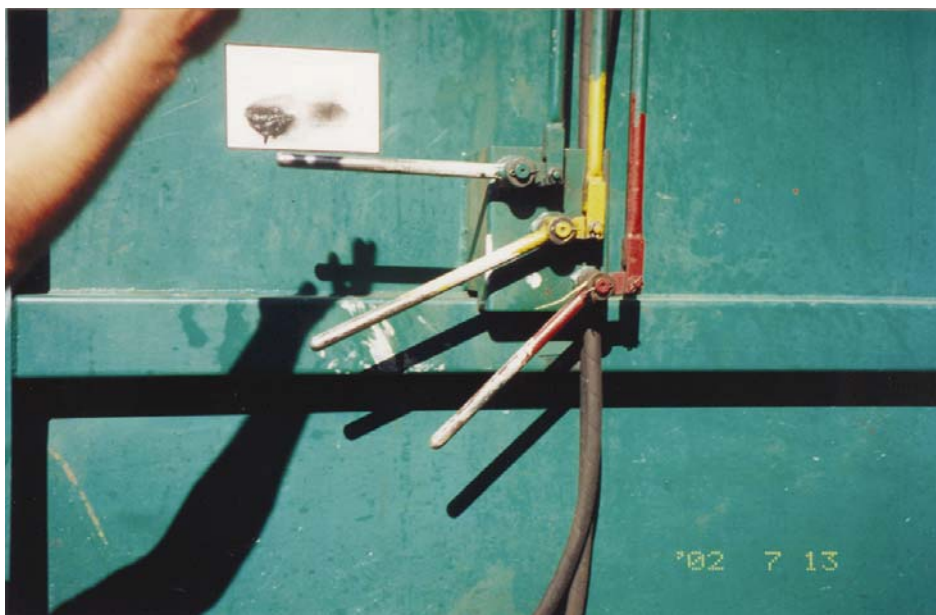
Os equipamentos utilizados pelos garis como instrumentos de trabalho no espaço público é o caminhão (depositário de lixo), o qual estes coletores de lixo precisam manusear as alavancas localizadas no comando de controle sempre que precisarem fazer a compactação do lixo.

A maioria das frotas dos caminhões são automáticos como descrito a seguir:

O caminhão observado nos roteiros era da mesma frota, do ano 2001, modelo Ford Cargo 1622.

O veículo possuía três travas, sendo que a superior se manuseada pelos garis faz acionar o elevador que serve para levantamento do container. A do meio é para acelerar a prensa, fazendo com que o lixo seja prensado, facilitando a compactação do mesmo e acondicionando maior quantidade de lixo. A da parte inferior funciona para erguer a prensa facilitando a entrada do lixo dentro do caminhão. Estes três dispositivos (alavancas) são determinadas por um comando hidráulico. Este está situado na lateral direita dos caminhões e são manuseadas pelos garis durante os trajetos percorridos (figura 3).

FIGURA 3 - CAMINHÃO DEPOSITÁRIO DE LIXO COM DISPOSITIVOS (ALAVANCAS) DE TRÊS TRAVAS COM COMANDO HIDRÁULICO PARA COMPACTAÇÃO DO LIXO



FONTE: Pesquisa de campo

Para que estas três alavancas entrem em funcionamento é necessário que a tomada de força esteja ligada. Ela está localizada no interior da cabine do caminhão e é acionada pelo motorista, sempre que os garis desejarem prensar o lixo, levantar o container pelo elevador e ou levantar a prensa. Estes se comunicam com o motorista através de assobios, gritos e ou gestos.

Na lateral esquerda existe outro dispositivo (comando do escudo) que serve para vazar o caminhão (descarregar). Este dispositivo também é acionado por um gari no momento de descarga dos lixos (figura 4).

FIGURA 4 - DISPOSITIVO PARA VAZAR O CAMINHÃO DE LIXO (DESCARREGAR)



FONTE: Pesquisa de campo

Mais a frente existe uma trava para que o caminhão se mantenha fechado enquanto estiver carregado, sendo aberto somente no aterro minutos antes de vazar o lixo ou quando este vai ser lavado para tirar o churume (líquido acumulado do lixo). No mesmo lado, mais abaixo do caminhão, existe uma mangueira dobrada que quando desenrolada, serve para retirada do churume, sendo que este líquido só pode ser retirado em bocas de lobo e bem afastado de qualquer residência ou somente no aterro, onde existe um local próprio para despejo destes dejetos (figura 5).

FIGURA 5 - MANGUEIRA UTILIZADA PARA A RETIRADA DO CHURUME (LÍQUIDO ACUMULADO DO LIXO)



FONTE: Pesquisa de campo

Entre a cabine do motorista e a parte traseira do caminhão (na parte inferior) existem alguns canos, onde sai à bomba hidráulica e a tomada de força que é ligada na caixa de câmbio para dar força no óleo e fazer acionar o caminhão (figura 6).

FIGURA 6 - BOMBA HIDRÁULICA E TOMADA DE FORÇA



FONTE: Pesquisa de campo

Segundo os mecânicos, alguns carros antigos do ano 80, 82, estão praticamente desativados. Existem aproximadamente 28 caminhões que fazem as coletas.

Praticamente todo o serviço de mecânica dos caminhões, como freio, embreagem, sistema hidráulico, borracharia é feito na própria empresa que mantém uma equipe pronta por 24 horas, para manutenção e/ou conserto dos carros. Alguns dos mecânicos foram promovidos de gari para mecânicos.

Ainda segundo os mecânicos, a empresa também conta com três Tobatas que fazem o percurso onde não há acesso de entrada dos caminhões, como ruas estreitas e ou centro da cidade. Neste momento, o tobata, retira os lixos destes locais e coloca-os em um ponto estratégico onde o caminhão passa para retirá-los em seguida. Existe também um outro carro da Kia (importado), que também faz este trabalho principalmente no centro da cidade.

Além do caminhão, os garis dispõem de "vassoura" (espécie de garfos de ferro), que serve para juntar os lixos que estão fora de seus acondicionamentos, fazendo "montes" que serão recolhidos com improviso de um papelão e ou uma tábua servindo como pá para sustentar o lixo em cima e carregá-lo até o caminhão.

4.3.6 Estrutura organizacional

Em termos de estrutura organizacional esta categoria de profissionais está hierarquicamente subordinado à gerencia de divisão operacional e esta a direção de divisão operacional.

4.3.7 Rotinas de trabalho

As tarefas executadas diariamente pelos trabalhadores são sempre as mesmas: recolher os lixos e transportá-los para o caminhão para que este possa ser levado até seu destino final (aterro).

Os roteiros já são preestabelecidos pela empresa, variando apenas em alguns casos, mudanças de um ou outro gari para outra equipe.

4.4 Análise das Atividades

4.4.1 Dados sobre o ambiente de trabalho

O ambiente de trabalho dos coletores de lixo é o espaço público das ruas, cujo ambiente está exposto a todo tipo de intempéries como sol, chuva, calor, etc.

Este mesmo espaço, além de ser ocupado por estes trabalhadores, é designado lugar público, onde ali se encontram pessoas caminhando apressadas ou em passos vagarosos, carros transitando constantemente, cachorros que muitas vezes correm atrás dos garis ou latem o tempo todo como se avisassem à chegada destes trabalhadores, enfim "espaço de códigos diferenciados daqueles do mundo da casa, e do trabalho, estar na rua implica em movimento, novidade, imprevisibilidade. A rua é o lugar do informal, do fortuito, da impessoalidade de ver e ser visto, de circular" (SANTOS 1999, p.69).

Mesmo sendo espaço público os garis possuem seus roteiros que são seus postos de trabalho e é ali que se desenrolam as histórias de seus trabalhos cotidianos.

A descrição das atividades será descrita na íntegra no anexo I.

4.5. Análise dos Dados

4.5.1 Análise das cargas de trabalho dos coletores de lixo

4.5.2 Distribuição dos resultados quanto a relação do trabalho e sua repercussão no corpo

A tabela 1 mostra que 81,81% dos entrevistados responderam que o trabalho mexe diretamente com o corpo, quando abordados sobre quais partes, as respostas foram anotadas na tabela 3.

TABELA 1 - VOCÊ ACHA QUE O SEU TRABALHO MEXE COM A SAÚDE DE SEU CORPO?

RESPOSTAS	N.º	%
Sim	9	81,81
Não	2	18,19

FONTE: DINIZ (1994)

A tabela 2 demonstra que durante a noite as dores manifestam-se em 63,64% dos entrevistados, outros 45,45% afirmaram sentir dores no final da jornada de trabalho, isto de certa forma, tem relação direta com a carga física na medida em que este tipo de atividade exige muito mais esforço e preparo físico do trabalhador.

TABELA 2 - DORES NO CORPO OCASIONADAS PELO ESFORÇO FÍSICO

DORES	SIM	%
Durante a noite	7	63,64
Durante o trabalho	2	18,19
Final do trabalho	5	45,45
Atividade específica	1	9,90
Não tem	1	9,90

FONTE: DINIZ (1994)

NOTA: Houve casos em que o trabalhador assinalou mais de uma resposta.

Na tabela 3, percebe-se que todos os entrevistados tem queixas quanto a dores em seu corpo. A maior ocorrência surge em relação ao ombro e braço 100%, também dor referente a joelho e perna aparece significativamente em 17,02% dos entrevistados. O pé/tornozelo, região dorsal e lombar, aparece com 10,63% de respostas afirmativas, incluindo os que estão a menos tempo neste trabalho.

TABELA 3 - SINTOMATOLOGIA DAS ARTICULAÇÕES OU REGIÕES DOLOROSAS PROVENIENTES DA CARGA FÍSICA

ARTICULAÇÃO	SIM	%	NÃO	%
Ombro/braço	11	100,00	0	0,00
Cotovelo/antebraço	2	4,24	0	0,00
Punho/mão	4	8,48	0	0,00
Quadril/coxa	2	4,24	0	0,00
Joelho/perna	8	17,02	0	0,00
Tornozelo/pé	5	10,63	0	0,00
Região cervical	3	6,38	0	0,00
Região dorsal	5	10,63	0	0,00
Região lombar	5	10,63	0	0,00

FONTE: DINIZ (1994)

NOTA: Houve casos em que o trabalhador referiu sentir dor em mais de um local.

4.5.3 Distribuição dos resultados em relação às cargas físicas

A tabela 4 mostra que existem queixas quase que unânimes em relação às cargas físicas. As respostas se concentraram em: "muitas vezes" e "sempre" que equivalem de duas vezes por semana a todos os dias. Quando abordados sobre a preocupação em torno das condições de periculosidade e insalubres, 90% da população responderam "sempre". Já em relação à concentração na execução das tarefas, assim como as disposições dos lixos mal acondicionados nas lixeiras, 90% responderam que isso ocorre "sempre", ou seja, diariamente.

TABELA 4 - RESULTADOS EM RELAÇÃO AS CARGAS FÍSICAS (TOTAL DE 11 TRABALHADORES)

VARIÁVEIS	NUNCA		RARAS VEZES		ALGUMAS VEZES		MUITAS VEZES		SEMPRE	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
CP 1 - Condições físicas	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	9,10	10	90,90
CP 2 - Ruído e fluxo de pessoas	3	27,27	0	0,00	1	9,10	2	27,27	4	36,36
CP 3 - Condições de insalubridade	0	0,00	1	9,10	0	0,00	0	0,00	10	90,90
CP 4 - Posturas exigidas	1	9,10	1	9,10	4	36,36	4	36,36	1	9,10
CP 5 - Disposição dos lixos	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	9,10	10	90,90
CP 6 - Repetitividade	1	9,10	0	0,00	0	0,00	4	36,36	6	45,45

FONTES: LEMOS (2001)

NOTA: CP = Carga Psíquica

Na questão que se refere ao grau de repetitividade, 45,45% dos trabalhadores responderam que isto acontece "sempre", outros 36,36%, responderam "muitas vezes".

Em relação ao do ruído, 36,36% colocaram que os ruídos os incomodam diariamente, outras 27,27%, responderam "muitas vezes" isto é, pelo menos duas vezes por semana.

TABELA 5 - DISTRIBUIÇÃO DOS RESULTADOS EM RELAÇÃO A CARGA FÍSICA NOS TRABALHADORES DO ROTEIRO DAS PRAIAS

Variáveis	Nunca		Raras vezes		Algumas vezes		Muitas vezes		Sempre	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
CP 1 - Condições físicas	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	3	100,00
CP 2 - Ruído e fluxo de pessoas	3	100,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
CP 3 - Condições de insalubridade	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	3	100,00
CP 4 - Posturas exigidas	0	0,00	1	33,34	0	0,00	2	66,66	0	0,00
CP 5 - Disposição dos lixos	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	33,34	2	66,66
CP 6 - Repetitividade	1	33,34	0	0,00	0	0,00	0	0,00	2	66,66

FONTES: LEMOS (2001)

NOTA: CP = Carga Psíquica

TABELA 6 - DISTRIBUIÇÃO DOS RESULTADOS EM RELAÇÃO A CARGA FÍSICA NOS TRABALHADORES DO ROTEIRO DO MORRO

VARIÁVEIS	NUNCA		RARAS VEZES		ALGUMAS VEZES		MUITAS VEZES		SEMPRE	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
CP 1 - Condições físicas	0	0,0	0	0,0	0	0,0	9	0,0	4	100,0
CP 2 - Ruído e fluxo de pessoas	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	50,0	2	50,0
CP 3 - Condições de insalubridade	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	4	100,0
CP 4 - Posturas exigidas	1	25,0	0	0,0	1	25,0	1	25,0	1	25,0
CP 5 - Disposição dos lixos	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	4	100,0
CP 6 - Repetitividade	0	0,0	1	25,0	0	0,0	1	25,0	2	50,0

FONTA: LEMOS (2001)

NOTA: CP = Carga Psíquica

TABELA 7 - DISTRIBUIÇÃO DOS RESULTADOS EM RELAÇÃO A CARGA FÍSICA NOS TRABALHADORES DO ROTEIRO DO CONTINENTE

VARIÁVEIS	NUNCA		RARAS VEZES		ALGUMAS VEZES		MUITAS VEZES		SEMPRE	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
CP 1 - Condições físicas	0	0,0	0	0,0	1	25,0	1	25,0	2	50,0
CP 2 - Ruído e fluxo de pessoas	0	0,0	0	0,0	1	25,0	1	25,0	2	50,0
CP 3 - Condições de insalubridade	0	0,0	1	25,0	0	0,0	0	0,0	3	75,0
CP 4 - Posturas exigidas	0	0,0	1	0,0	3	75,0	1	25,0	0	0,0
CP 5 - Disposição dos lixos	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	25,0	3	75,0
CP 6 - Repetitividade	0	0,0	0	0,0	0	0,0	3	75,0	1	25,0

FONTA: LEMOS (2001)

NOTA: CP = Carga Psíquica.

4.5.4 Distribuição do resultado da avaliação da carga psíquica oriunda da organização do trabalho

A tabela 8 mostra que 100% dos entrevistados apontam a "atenção permanente" como carga psíquica constante, assim como exposição ao perigo e exigência da responsabilidade na tarefa para 90,9%. Em relação ao ritmo do trabalho, 81,8% dos entrevistados responderam que existe um ritmo diário de trabalho que se torna desgastante.

TABELA 8 - DISTRIBUIÇÃO DO RESULTADO DA AVALIAÇÃO DA CARGA PSÍQUICA ORIUNDA DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

VARIÁVEIS	NUNCA		RARAS VEZES		ALGUMAS VEZES		MUITAS VEZES		SEMPRE	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
CP 7 - Reconhecimento	3	27,27	0	0,00	2	18,19	1	9,10	5	45,45
CP 8 - Monotonia	4	36,36	0	0,00	4	36,36	0	0,00	3	27,28
CP 9 - Não valorização	3	27,27	0	0,00	1	9,10	2	18,19	5	45,45
CP 10 - Atenção permanente	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	11	100,00
CP 11 - Pressão no trabalho	0	0,00	3	27,26	3	27,26	3	27,26	2	18,20
CP 12 - Perigo	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	9,10	10	90,90
CP 13 - Ritmo	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	9,10	9	81,81
CP 14 - Desgaste fis./emocional	1	9,10	0	0,00	2	18,20	2	18,20	6	54,54
CP 15 - Responsabilidade	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	9,10	10	90,90
CP 16 - Insegurança	3	27,26	0	0,00	1	9,10	1	9,10	6	54,54
CP 17 - Falta perspectiva	2	18,20	0	0,00	0	0,00	3	27,27	6	54,54
CP 18 Pressão da equipe	0	0,00	3	27,27	4	36,36	4	36,36	0	0,00
CP 19 - Irritação ao ruído	3	27,27	0	0,00	0	0,00	3	27,27	5	45,45
CP 20 - Angústia ao lixo espalhado	3	27,27	0	0,00	0	0,00	5	45,45	3	27,27

FONTE: LEMOS (2001)

NOTA: CP = Carga Psíquica

Outra questão que também aponta para a carga psíquica proveniente da organização do trabalho é a insegurança, falta de perspectiva assim como desgastes físicos e emocionais apontados por estes trabalhadores como fonte de carga Psíquica continuo em 54,54%.

Em relação também ao não reconhecimento, falta de valorização e irritação em relação ao ruído constante, também foram significativas, ficando com 45,45% das respostas em cargas psíquicas também dominantes.

Percebe-se que 36,36% da população estudada (tabela 9), não apresentam nenhum tipo de descontentamento frente a seu trabalho, outros 27,27%, referem que pelo menos uma vez por semana sentem-se descontentes com seu trabalho, apenas 9,1% colocou um descontentamento continuo e outro e "muitas vezes".

TABELA 9 - DISTRIBUIÇÃO DO RESULTADO DA AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE DESCONTENTAMENTO COM O TRABALHO

VARIÁVEIS	NUNCA		RARAS VEZES		ALGUMAS VEZES		MUITAS VEZES		SEMPRE	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Descontentamento em relação ao trabalho	4	36,36	2	18,20	3	27,27	1	9,10	1	9,10

FONTE: LEMOS (2001)

NOTA: CP = Carga Psíquica

4.5.5 Distribuição das respostas dos trabalhadores frente aos diferentes roteiros

TABELA 10 - DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS DOS TRABALHADORES DO ROTEIRO DO MORRO A RESPEITO DAS CARGAS PSÍQUICAS ORIUNDAS DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

VARIÁVEIS	NUNCA		RARAS VEZES		ALGUMAS VEZES		MUITAS VEZES		SEMPRE	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
CP 7 - Reconhecimento	0	0,0	0	0,0	2	50,0	0	0,0	2	50,0
CP 8 - Monotonia	1	25,0	0	0,0	1	25,0	0	0,0	2	50,0
CP 9 - Não valorização	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	25,0	3	75,0
CP 10 - Atenção permanente	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	4	100,0
CP 11 - Pressão no trabalho	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	50,0	2	50,0
CP 12 - Perigo	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	4	100,0
CP 13 - Ritmo	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	4	100,0
CP 14 - Desgaste fis/emocional	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	4	100,0
CP 15 - Responsabilidade	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	4	100,0
CP 16 - Insegurança	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	25,0	3	75,0
CP 17 - Falta perspectiva	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	25,0	3	75,0
CP 18 Pressão da equipe	1	25,0	0	0,0	2	50,0	1	25,0	0	0,0
CP 19 - Irritação ao ruído	2	50,0	0	0,0	1	25,0	1	25,0	0	0,0
CP 20 - Angústia ao lixo espalhado	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	4	100,0

FONTES: LEMOS (2001)

NOTA: CP = Carga Psíquica

TABELA 11 - DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS QUANTO AO ROTEIRO DO CONTINENTE A RESPEITO DAS CARGAS PSÍQUICAS ORIUNDAS DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

VARIÁVEIS	NUNCA		RARAS VEZES		ALGUMAS VEZES		MUITAS VEZES		SEMPRE	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
CP 7 - Reconhecimento	2	50	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	50,0
CP 8 - Monotonia	0	0,0	0	0,0	4	100,0	0	0,0	0	0,0
CP 9 - Não valorização	1	25,0	0	0,0	0	0,0	1	25,0	2	50,0
CP 10 - Atenção permanente	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	4	100,0
CP 11 - Pressão no trabalho	0	0,0	0	0,0	3	75,0	1	25,0	0	0,0
CP 12 - Perigo	0	0,0	0	0,0	1	25,0	0	0,0	3	75,0
CP 13 - Ritmo	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	25,0	3	75,0
CP 14 - Desgaste fis./emocional	0	0,0	0	0,0	1	25,0	1	25,0	2	50,0
CP 15 - Responsabilidade	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	25,0	3	75,0
CP 16 - Insegurança	0	0,0	0	0,0	2	50,0	0	0,0	2	50,0
CP 17 - Falta perspectiva	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	50,0	2	50,0
CP 18 Pressão da equipe	1	25,0	1	25,0	1	25,0	1	25,0	0	0,0
CP 19 - Irritação ao ruído	0	0,0	0	0,0	1	25,0	2	50,0	1	25,0
CP 20 - Angústia ao lixo espalhado	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	50,0	2	50,0

FONTES: LEMOS (2001)

NOTA: CP = Carga Psíquica

TABELA 12 -DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS DOS TRABALHADORES DO ROTEIRO DA PRAIA A RESPEITO DAS CARGAS PSÍQUICAS ORIUNDAS DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

VARIÁVEIS	NUNCA		RARAS VEZES		ALGUMAS VEZES		MUITAS VEZES		SEMPRE	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
CP 7 - Reconhecimento	3	100,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
CP 8 - Monotonia	3	100,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
CP 9 - Não valorização	2	66,66	0	0,00	1	33,34	0	0,00	0	0,00
CP 10 - Atenção permanente	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	3	100,00
CP 11 - Pressão no trabalho	3	100,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
CP 12 - Perigo	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	3	100,00
CP 13 - Ritmo	1	33,34	0	0,00	0	0,00	0	0,00	2	66,66
CP 14 - Desgaste fis./emocional	1	33,34	1	33,34	0	0,00	0	0,00	1	33,34
CP 15 - Responsabilidade	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	3	100,00
CP 16 - Insegurança	3	100,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
CP 17 - Falta perspectiva	3	100,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
CP 18 Pressão da equipe	2	66,66	1	33,34	0	0,00	0	0,00	0	0,00
CP 19 - Irritação ao ruído	1	33,34	1	33,34	1	33,34	0	0,00	0	0,00
CP 20 - Angústia ao lixo espalhado	3	100,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00

FONTE: LEMOS (2001)

NOTA: CP = Carga Psíquica.

4.5.6 Distribuição quanto aos resultados sobre o treinamento recebido

Em relação ao tempo de cognição frente ao trabalho que executam, 45,45% dos trabalhadores colocaram que precisaram de "mais de dois meses" para aprender tudo o que sabem hoje sobre suas atividades laborais e 36,36% afirmaram que levaram entre "duas semanas a dois meses", o que evidencia a importância de um treinamento constante (quadro 4).

QUADRO 4 - QUANTO TEMPO VOCÊ LEVOU PARA APRENDER TUDO O QUE SABE HOJE?

TEMPO	N.º	%
Menos de 2 semanas	2	18,19
Entre 2 semanas e 2 meses	4	36,36
Mais de 2 meses	5	45,45

FONTE: DINIZ (1994)

Neste quadro 5, observa-se que 81,81% dos entrevistados responderam que ainda não sabem tudo sobre seu trabalho e 18,19% colocaram que já sabem tudo referente a suas atividades laborais

QUADRO 5 - VOCÊ ACHA QUE SABE TUDO SOBRE SEU TRABALHO?

VARIÁVEIS	N.º	%
Sim	02	18,19
Não	9	81,81

FONTE: DINIZ (1994)

O quadro 6 salienta que 63,64% acreditam que o treinamento oferecido pela empresa foi suficiente, embora apenas 36,36% responderam que o treinamento não foi o suficiente.

QUADRO 6 - VOCÊ ACHA QUE SEU TREINAMENTO FOI SUFICIENTE?

VARIÁVEIS	N.º	%
Sim	7	63,64
Não	4	36,36

FONTE: DINIZ (1994)

Neste quadro 7, percebe-se que as respostas se concentram em torno de 63,64% afirmativas quanto a relação falta de treinamento e acidente de trabalho, outros 36,36% acreditam não existir nenhuma semelhança entre falta de treinamento e acidentes de trabalho

QUADRO 7 - VOCÊ ACREDITA QUE OS ACIDENTES DE TRABALHO OCORRIDOS COM SEUS COLEGAS OU COM VOCÊ, FOI DEVIDO A FALTA DE TREINAMENTO ADEQUADO?

VARIÁVEIS	N.º	%
Sim	6	63,64
Não	5	36,36

FONTE: MADRUGA (2002)

5 DISCUSSÃO DOS DADOS

Os resultados obtidos na aplicação dos instrumentos utilizados serão discutidos e confrontados com a literatura consultada.

Com relação aos dados socioeconômicos da amostra estudada, pode-se caracterizá-la da seguinte maneira: a média de idade dos coletores foi de 33 anos; com relação ao estado civil, 8 indivíduos eram casados, 2 solteiros e um viúvo. Tinham em média dois filhos.

Quanto ao nível de instrução, 2 indivíduos possuíam o ensino médio completo e 1 o incompleto; 7 apresentavam o ensino fundamental Incompleto e 1 o Completo. Recebem em média três salários mínimos; 6 deles residem em casa própria e 2 moram de aluguel.

Em relação ao sexo nesta categoria, predomina o sexo masculino. São ao total 148 coletores de lixo, apenas 4 deles são do sexo feminino. Da população de 11 entrevistados, três eram mulheres.

Em relação ao tempo de exercício da função, observa-se que o tempo médio é de 4 anos e 8 meses. No roteiro da praia da Joaquina e Lagoa da Conceição, percebe-se que toda a equipe é novato nesta função, o que de certa forma justifica a questão do ritmo de trabalho descrita no anexo I. Se compararmos as três equipes quanto à dinâmica do trabalho, percebemos que na equipe dos garis ocorre uma diferenciação em termos de ritmo e organização do trabalho, o que de certa forma está relacionado ao tempo de serviço e experiência neste cargo.

Percebe-se neste caso que o trabalho explicito por esta equipe, assume uma dimensão de caráter pessoal irrefutável, isto se expressa na seguinte fala:

O trabalho tá bom porque somos as três, tudo começando agora, até o motorista é novo, queremos trabalhar unidas e entrar no nosso ritmo e não no ritmo que os outros querem, queremos formar uma equipe, nós 4 (incluiu o motorista) vamos fazer o nosso serviço e não trabalhar como aqueles que querem mandar na gente.

A atividade de trabalho segundo Guérin et al. (2001, p.26) "É o elemento central que organiza e estrutura os componentes da situação do trabalho. É uma resposta ao constrangimento determinado exteriormente ao trabalhador, e ao mesmo tempo é capaz de transformá-los. Estabelece, portanto pela sua própria realização, uma interdependência e uma interação entre esses componentes".

É sabido que o sistema músculo-esquelético é motivo de queixas em populações trabalhadoras, principalmente em trabalhos que envolvem grandes atividades físicas e posturas incomoda como o caso dos garis. Este é também um dos motivos de afastamentos, juntamente com acidentes de trabalho nesta categoria.

Dentre os 11 entrevistados 9 (81,81%), relacionaram o trabalho com a saúde de seu corpo, referindo sentir dores devido ao tipo de atividades laborais exercida por eles como no caso o trabalho pesado. Durante o exercício de suas atividades, observou-se à expressão do sofrimento ao puxar um container pesado ou erguer sacos de lixos pesados (figura 7).

FIGURA 7 - EXPRESSÃO DO SOFRIMENTO DO TRABALHADOR DURANTE O EXERCÍCIO DE SUAS ATIVIDADES



FONTE: Pesquisa de campo

Para Cruz (apud LEMOS, 2001), a dor considerada como fenômeno humano, é uma expressão de sofrimento tanto a nível psíquico como físico. Neste estudo entre os entrevistados que registraram episódios de dor, 07 (63,64%) afirmaram sentir dores principalmente à noite, 05 no final da jornada do trabalho e 03 durante as atividades de trabalho. Isto denota uma relação direta com a carga física "A presença da dor durante a jornada de trabalho, evidentemente tem repercussão na produtividade do trabalhador, colocando-o em situações desconfortável perante sua chefia imediata e seus colegas de equipe" comenta Lemos (2001, p.73).

Em relação à sintomatologia das articulações ou regiões dolorosas provenientes do trabalho, esclarecemos que neste quesito os trabalhadores puderam optar por mais de uma resposta, observa-se que os 11 entrevistados, sentem dores principalmente no ombro e braços, provavelmente pelo fato de erguer pesos e jogá-lo para dentro do caminhão (figura 8).

FIGURA 8 - MOVIMENTO INADEQUADO AO RECOLHER O LIXO, CAUSA SINTOMATOLOGIA DAS ARTICULAÇÕES ACARRETANDO DORES PRINCIPALMENTE NOS OMBROS E BRAÇOS



FONTE: Pesquisa de campo

Desta população, 8 (17,02%) referem sentir dores no joelho e perna, o que pode estar relacionado ao impacto de subir correndo no caminhão e descer quando este ainda está em movimento. O tornozelo, pé, região dorsal e lombar, aparecem com 10,63% de respostas afirmativas, incluindo até mesmo afirmações dos novatos.

Nas falas do trabalhador, evidenciou-se o sofrimento que o percurso lhe causava: "O trabalho é cansativo, a gente faz muito esforço, principalmente na escadaria do morro, puxar aqueles tapetes é pesado, não é fácil, olha é puxado e só nos sabemos".

Analisando a literatura de Dejours (1992, p.61),

Os efeitos desta carga e o sofrimento estão no registro mental e se ocasionam desordens no corpo, não são equivalentes as doenças diretamente infligida ao organismo pelas condições de trabalho. A carga de trabalho psíquica representada pelo sofrimento proveniente de um desconforto do corpo coloca inteiramente o trabalhador e sua personalidade á prova de uma realidade material, permanentemente. O conflito não é outro senão o que opõe o homem á organização do trabalho.

Durante a análise da fala dos trabalhadores, fica evidenciado uma demanda de ordem física presente nas situações de trabalho o que denota carga de trabalho. Provavelmente com base na literatura estudada "já se inicia o processo de adoecimento e comprometimento das funções físicas e psíquicas dos trabalhadores" (LOREIRO e MADRUGA, 2001).

Na tabela 4, referentes às cargas físicas, percebe-se que 10 dos entrevistados (90,90%), responderam que existe uma preocupação constante com as condições de penosidade e insalubridade em seus trabalhos.

Isto denota-se na fala deste trabalhador:

O trabalho é difícil sabe porque exige muito esforço físico e coragem principalmente porque não sabemos o que vamos pegar pela frente. O lixo fede muito principalmente aquele que tem lavagem. O lixo de restaurante, este sim além de pesado fede muito. Ontem eu levei um susto porque tinha um gatinho morto misturado com lavagem e tudo fedia, até da medo de pegar isso, sabe é um horror.

Segundo a literatura pesquisada a questão da penosidade "abarca o incomodo, o constrangimento postural, o sofrimento, o esforço físico e mental. Trabalhos que

implicam carga psíquica e cognitiva implicam, portanto em penosidade". (MORAES, 2000, p.36).

Percebe-se desta forma uma ligação direta entre penosidade e carga física e psíquica, comprovando a presença destas na profissão dos garis.

Por ser também este trabalho insalubre, devido à exposição de agentes físicos e biológicos oriundos de restos de comida assim como restos de animais, muitas vezes até em decomposição, bem como em contato com objetos pérfuro-cortantes usado nas residências, os trabalhadores ficam o tempo todo expostos a estes tipos de agentes altamente infectantes, propiciando sobremaneira riscos de vida pelo contato permanente com o lixo. Outro ponto importante que creio deva ser mencionado são os ratos que existem nas lixeiras. Por duas vezes, podemos observar os coletores matando os ratos ou correndo atrás como forma de espantá-los para que o lixo pudesse ser recolhido, sendo estes roedores transmissores de diversas doenças, entre elas a leptospirose que pode ser contraída através da urina do rato.

Ainda nesta mesma tabela, outra questão que nos chama a atenção é a exigência de concentração na execução das atividades, colocada por (90,90%) dos entrevistados. Isto também se evidencia conforme fala do gari:

A maior exigência deste trabalho é a concentração, ficar ligado o tempo todo, porque corre o risco de trancar uma perna numa prensa desta, de cair e rolar para baixo do caminhão, de ser atropelado. Dá um medo danado, tem que ficar ligado. Outra exigência é o esforço físico, este mata qualquer um.

Outro item que toma a mesma proporção em termos de frequência 10 (90,90%) é a disposição dos lixos mal acondicionados nas lixeiras, como argumenta um dos trabalhadores:

Este é um trabalho danado, os mutuários não nos ajudam, porque não colocam os lixos nas sacolas, espalham e jogam todo o lixo no chão é só nós limparmos tudo que no dia seguinte está tudo cheio de novo. É um trabalho, os cachorros estes então são nosso maior inimigo e pior é que não podem ver a gente que vem pra cima.

Em todos os três roteiros observaram-se lixos espalhados fora das lixeiras, muitos jogados dentro desta sem nenhuma proteção de acondicionamento,

dificultando todo o trabalho do gari, inclusive exigindo muito mais posturas físicas destes trabalhadores. Isto também é manifesto (figura 9).

FIGURA 9 - DIFICULDADE ENCONTRADA PELOS GARIS NA COLETA DE LIXO, PELO MAU ACONDICIONAMENTO, CAUSANDO ESFORÇO FÍSICO AO TRABALHADOR



FONTE: Pesquisa de campo

Em termos de movimentos realizados por eles, geralmente envolve baixar e levantar o corpo, exceto em lixeiras que ficam elevadas do chão, onde os sacos de lixo são colocados. "Este tipo de suporte facilita seu trabalho e diminui o risco de movimento bruscos que podem provocar desvio na coluna" aponta Santos (1999, p.49).

Em relação aos diferentes roteiros (ver tabelas 5, 6, e 7), percebe-se analisando o roteiro das praias, que 100% dos entrevistados responderam que as condições físicas do trabalho faz com que tenham maior concentração ao executarem suas atividades, questões também como penosidade 100%, mal acondicionamento do lixo 66,66% aparecem com índice bastante significativo, o que evidencia uma carga física constante.

Quanto ao roteiro do Morro, as respostas, também não diferem muito do roteiro anterior, ficando com 100% de afirmações de incomodo constante para

condições físicas, insalubridade e penosidade e mau acondicionamento do lixo, todas estas estão diretamente relacionada com a própria questão do roteiro que exige muito mais esforço físico e preparo do sujeito.

No roteiro do continente, as cargas ficam mais amenas, com 75% tidas como "sempre", para questões de penosidade, e mau acondicionamento do lixo.

Em relação à avaliação da carga psíquica oriunda da organização do trabalho conforme tabela 8, percebe-se que os 11 entrevistados da população, referiram ter atenção constante em relação ao trabalho conforme discurso do trabalhador:

Tenho medo das seringas, de cair dentro da concha ou mesmo quebrar um pé ou mão. Se não ficar atenta, não se cuidar na hora que a prensa ta baixando, se botar a mão, aquilo ali arrebenta a mão da gente. Já teve caso disto. Tenho medo de me espetar com seringa pois já tenho 45 anos, já sou avó. Deus me livre se me espetar algo que não sei nem onde vem, não sei o que faria.

O que podemos *a priori* observar é que a falta de controle da atividade e a exposição contínua a riscos que envolvem a integridade física, se expressa diretamente no psiquismo do sujeito, o que pode ocasionar um desenvolvimento de distúrbios psíquicos.

O medo aqui se expressa e se relaciona ao ambiente ansiógeno contribuindo para a manifestação de doenças a nível mental elevados pela carga psíquica constante.

Autores como Greco (1996, p.62) Facchini (1994, p.18); Lauriel e Noriega (1998, p.112), citados in Loreiro e Madruga (2001) "Relacionam, as cargas psíquicas com a organização do trabalho, resultando dessa o stress, a pressão do tempo, a tensão e a maleabilidade no local de trabalho, bem como situações de tensão prolongada e a consciência da periculosidade do trabalho". Estes autores colocam estes fatores como consequência de uma sobrecarga

Outro fator que também se destaca quanto à carga psíquica elevada é a exposição ao perigo e a questão da responsabilidade observada "Sempre" (ver tabela 8). Este passa a ser um fator preponderante que tende a acarretar cargas

psíquicas oriundas da relação homem/organização do trabalho, como fator preponderante na conexão da carga de trabalho.

Novamente a questão do perigo se expressa através do medo conforme argumenta este trabalhador: "Nos sabemos que podemos ser contaminados por qualquer coisa, às vezes até por uma infecção respiratória, consciência eu tenho de tudo isso, então o jeito é a gente se cuidar".

Ainda na mesma tabela 8, percebe-se a questão do ritmo de trabalho acelerado colocado por 09 dos 11 entrevistados como algo constante em suas atividades.

Quando observados em suas atividades, percebe-se que existe uma organização própria da equipe que tende a se organizar de forma que o ritmo se torna constante, indo de encontro com o que eles colocam como questão da liberdade (trabalho na rua e não dentro de uma empresa). Esta pseudoliberalidade que se expressa em suas atividades se comparado com o trabalho de Santos (1999, p.76), em São Paulo a respeito dos garis, percebe-se que existe uma semelhança conforme esta cita "Estes trabalhadores são "vigiados" por si próprios, através da equipe de trabalho, que tem introjetado nos padrões da empresa e pela população dos setores onde atuam, pois estas podem fazer reclamações a qualquer momento"

Outra questão que também assume a dimensão para carga psíquica oriunda da organização do trabalho é a insegurança, falta de perspectiva assim como desgastes físicos e emocionais tidas por 06 (54,54%) dos entrevistados como aparece na tabela 8. A própria dinâmica do trabalho ao qual estão inseridos favorece a necessidade da atenção permanente, o que torna o ambiente inseguro quanto a riscos de acidentes frente a situações de atropelamento, o medo de contaminação de materiais pérfuro-cortantes como o caso de seringas, vidros, latas enferrujadas, etc.

A falta de perspectiva quanto a crescimento pessoal é algo que também incomoda e segundo o gerente de Departamento Operacional "O indivíduo só é remanejado de profissão quando avaliado por determinação médica, isto faz parte

do plano de carga de trabalho implantado em 80, se ele entra como gari, ele se aposenta como gari".

O desgaste físico e emocional também está relacionado à questão da dor e a fadiga o que expira conseqüentemente em carga física e psíquica tidas por estes trabalhadores como desgastes e cansaços no final de suas jornadas de trabalhos.

Segundo a literatura pesquisada "... as más condições de trabalho não somente trazem prejuízos para o corpo como também para o espírito. É de natureza mental a ansiedade resultante das ameaças à integridade física. A ansiedade é a seqüela psíquica do risco que a nocividade das condições de trabalho impõe ao corpo" (DEJOURS, 1992, p.78).

Estes trabalhadores ficam expostos a ruídos durante toda a sua jornada de trabalho, tanto da prensa de compactação de lixo que faz acelerar o motor, como do próprio trânsito de carros que é constante nas ruas.

Estes ruídos, principalmente o do acelerador do caminhão são freqüentes devido ao manuseio da alavanca. Estes causam irritações tidas por 45,45% da população de entrevistados como constantes "sempre", tendo, portanto como consequência a interferência no sistema informal de comunicação entre motoristas e garis.

A questão da angústia frente ao lixo espalhado, assume a mesma proporção (45,45%) "muitas vezes" (ver tabela 8). Esta angústia também recai diretamente no psiquismo do indivíduo na medida que este se depara com situações incômodas de tensão oriundas da ansiedade pelo fato de tornar o trabalho lento, sendo que precisam de todo um arsenal de estratégias improvisadas como pedaços de madeiras ou papelão para acomodar restos de lixos que estão jogados ao chão, o que também torna o trabalho cansativo e aparentemente pouco produtivo (figura 10).

FIGURA 10 - LIXO ESPALHADO CAUSA DESCONFORTO FÍSICO E LENTIDÃO NO PROCESSO DE COLETA DO LIXO



FONTE: Pesquisa de campo

A não valorização é outro fator que abarca esta demanda com 45,45% "sempre". Esta se evidencia segundo discurso dos trabalhadores, tanto ao nível da população quanto da empresa ao qual estão vinculadas. Sentimentos este que expressam diretamente o sofrimento se encontram nestes discursos dos trabalhadores:

... a pior coisa é que nosso serviço é mais vigiado do que se estivesse dentro da empresa. A comunidade cobra e vigia direto, qualquer coisa eles ligam lá para a empresa e reclamam, não podemos deixar nada para traz, nenhum papel porque se cair algo a comunidade vai em cima ...

outro gari argumenta

A empresa cobra muito porque para eles é só o usuário que tem razão, mesmo que recolhemos o lixo e as pessoas colocam o lixo atrasado, então ligam e reclamam para a empresa. A empresa vem em cima de nos, não temos razão como se diz. Só o usuário é que tem. Não é fácil eles não escutam a gente e sobra sempre para nós. A cobrança é grande é de mais... a empresa não tem reconhecimento pelo nosso trabalho.

Este tipo de sofrimento e até de resignação evocados durante as entrevistas, é colocado por Dejours (1994, p.89), como: "sentimentos de não reconhecimentos dos méritos específicos de cada agente, de cada corpo do ofício, não somente em relação aos outros, mas freqüentemente de maneira mais geral pela empresa". Isto se expressa em testemunho de que existem em certos momentos tensões que se cristalizam em conflitos entre organização do trabalho e os trabalhadores imbuídos neste mesmo contexto.

Em relação às variações entre carga/roteiro quanto à carga psíquica, (ver tabelas 10, 11, e 12), percebe-se que no roteiro do Morro, a atenção permanente, perigo eminente, ritmo, desgastes físicos e emocional, responsabilidade e angústia quanto ao mal acondicionamento do lixo, aparecem com 100% "sempre", o que indica carga psíquica alta neste roteiro.

Para os entrevistados do roteiro do continente, percebe-se que a atenção permanente 100% "sempre", perigo, ritmo do trabalho e responsabilidade com 75% "sempre".

No roteiro das praias, a atenção permanente, também aparece com 100%, e ritmo com 66,66%.

Se compararmos os três roteiros, percebemos que o roteiro do morro, com suas particularidades como escada, ruas estreitas, ladeiras é o que apresenta um maior índice de carga física e psíquica.

Quanto ao nível de descontentamento com o trabalho (ver tabela 9), percebe-se que mesmo expostos a situações de perigo, ritmos de trabalho constante, falta de reconhecimentos e valorização do trabalho, 4 (36,36%) da população entrevistada referem não ter nenhuma queixa quanto a descontentamento com seu trabalho, já 3 (27,27%) responderam "algumas vezes", ou pelo menos uma vez por semana sentirem-se descontentes quanto ao trabalho. Apenas um dos 11 entrevistados referiu-se estar descontente constantemente com seu trabalho.

Quando questionados do porque do não descontentamento, eles argumentaram da seguinte forma: "Olha eu gosto muito porque a gente brinca muito e a hora passa rápido (...) todos os garis são muito brincalhões (...) Eu gosto do meu trabalho apesar de tudo é legal mesmo sabe é satisfação".

Percebe-se na atividade e nos argumentos dos garis um componente lúdico de caráter coletivo que aparece como uma forma de compensação, assumindo um caráter defensivo contra o sofrimento. É o que Dejours (1994, p.37), assume como Sofrimento Criativo. "Quando o sofrimento pode ser transformado em criatividade, ele traz uma contribuição que beneficia a identidade. Ele aumenta a resistência do sujeito ao risco de desestabilização psíquica e somática".

Quanto à avaliação referente à questão do treinamento recebido pela empresa, observa-se no quadro 4 que 5 (45,45%) responderam terem levado mais de dois meses para aprenderem o que sabem hoje a respeito de seus trabalhos.

Quando questionados sobre o mesmo assunto, argumentaram que aprenderam com os colegas no próprio local de trabalho. Porém dos 11 entrevistados, 9 (81,81%) (ver quadro 5), responderam não saber tudo sobre seu trabalho e que necessitariam mais treinamentos ou cursos de capacitação. 4 (36,36%) (ver quadro 6) colocaram que seu treinamento foi insuficiente como argumenta este gari: "... o treinamento é uma corrida no pátio, fazem a gente subir no caminhão e é só isso, nada como correr ou carregar o lixo... a gente não tem ninguém que nos ensina a carregar os lixos e a fazer às coisas do jeito mais certo".

Outros 7 (63,64%) afirmaram que o treinamento foi suficiente (ver quadro 6). Já no quadro 7, (63,64%), colocaram que existe uma relação entre falta de treinamento adequado e acidentes de trabalho.

Outro fator que também merece ser discutido aqui é que o tipo de comunicação existente entre os coletores de lixo é mantido através de sinais, olhares, assobios, sem muitas palavras. A comunicação entre os coletores e o motorista do caminhão também é constante. Esta comunicação entre as duas categorias ocorre com objetivo de avisar

sobre a passagem de outros veículos, avisar que algum gari ficou para traz com o lixo assinalando para que o motorista diminua o ritmo de velocidade, e o gari possa chegar até o caminhão.

Serve também para avisar os novatos que os lixos (seletivos) não serão recolhidos por esta equipe, assim como avisá-los onde está o lixo (que muitas vezes passa despercebidos pelos coletores de lixo). Alguns moradores, por exemplo, colocam os lixos em locais mais estratégicos para que os cachorros não destruam os sacos plásticos que protege o lixo.

6 CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo analisar as Cargas de Trabalho, encontrada nas atividades laborais dos coletores de lixo domiciliar.

Durante todo o processo de análise das condições e a organização do trabalho, foi possível observar que as dificuldades no desempenho do trabalho estão relacionados tanto a aspectos objetivos como a questão das condições do ambiente de trabalho caracterizada muitas vezes pelos múltiplos riscos pelos quais estão submetidos, a pressão e a ausência de controle do processo de trabalho, assim como a aspectos subjetivos que traduzem em sofrimento psíquico e físico vivenciado por estes trabalhadores.

Os depoimentos contemplam, de forma abrangente, fenômenos diferenciados denotando cargas que são ressentidas diferentemente por cada trabalhador. Isto de certa forma abrange a singularidade de cada sujeito.

É pensando nesta singularidade subjetiva que se torna impossível mensurar estes fatores somente a nível objetivo, devido a própria subjetividade da relação homem-trabalho que se sublimam em efeitos reais e concretos.

Foi possível através da Análise Ergonômica do Trabalho e do discurso do trabalhador, compreender que os fatores que influenciam e contribuem para aumento das cargas, estão no próprio contexto da organização do trabalho. Desta forma concorda-se com autores descritos na revisão de literatura, que afirmam que estas têm sua origem na organização do trabalho.

Tentou-se buscar uma relação da carga física traduzida pelas posturas exigidas com sintomatologias das articulações ou regiões dolorosas, provenientes do próprio trabalho o que abarca em carga física.

Pode-se deduzir que todos os entrevistados sentem dores em seu corpo, o que é provável a relação destas com posturas inadequadas predispondo-os a fadiga muscular e favorecendo a carga física.

Partindo para responder as hipóteses da demanda, podemos inferir que os diferentes itinerários assumem proporções diferenciadas para as cargas, o que a faz aumentar dependendo do roteiro.

A falta de treinamento e qualificação destes trabalhadores, aponta para possibilidade de que tanto acidentes, quanto incidentes ocorrerem por falta de uma maior conscientização destes fatores.

A escolaridade desta categoria é baixa o que propicia sobremaneira o ingresso e a permanência deles nesta atividade.

O que encontramos nesta atividade de coletas é que, mesmo perante o sofrimento ao qual estão submetidos, é mascarado pelo brincar, pela liberdade. Estas assumem uma característica bem marcante, seja com o cachorro que corre atrás deles para mordê-los e com o qual apostam corridas, seja com as crianças que se misturam a eles para jogarem o lixo no caminhão, ou mesmo com a população em geral que acena e brinca com eles.

Este tipo de comportamento também é encontrado no trabalho dos garis na cidade de São Paulo, elaborado por Santos (1999, p.102), para ela "as brincadeiras, os gracejos, o riso entre os coletores de lixo, apresentam a função, bem como o significado de atenuar, suavizar, minimizar o seu constrangimento, a sua vergonha e até a sua própria aparição ao meio social".

Outra questão que permeia este comportamento, é que existe uma organização própria estabelecida por eles que impõe ritmos e controles pela própria equipe. É, por estarem no espaço público, na "ausência" de chefes e encarregados, que estes trabalhadores se submetem a ritmos rápidos, embora este ritmo não é reconhecido ou é banalizado por eles, existe vários outros elementos que indicam a presença deste controle como a questão do olhar do outro que se incube de determinar o ritmo de trabalho.

7 RECOMENDAÇÕES

Diante das observações da população estudada, constatou-se a necessidade de melhoria das condições de trabalho, a partir do processo de qualificação dos trabalhadores e treinamentos para suas atividades de trabalho.

- Necessitam-se uma conscientização da comunidade quanto ao acondicionamento e distribuição de lixos em sacolas plásticas objetivando reduzir pesos e posterior danos físicos ao trabalhador.
- Campanhas com a imprensa escrita e falada para educação da comunidade quanto à reciclagem dos lixos para que vidros, latas e outros objetos recicláveis, não se misturem a lixos convencionais diminuindo assim riscos de acidentes com objetos pérfuro-cortantes.
- Para diminuir o ritmo de trabalho, sugere-se uma campanha em forma de palestras, cursos junto aos trabalhadores de coleta enfatizando a relação da auto-regulação e da velocidade no trabalho com a saúde do trabalhador.
- Implantação junto a toda a comunidade de uma padronização sistemática de lixeiras para acondicionamento de lixos, com intuito de garantir a qualidade do serviço.
- Organizar seminários temáticos, a fim de promover discussões que permeiam a saúde do trabalhador.
- Sugere-se em trabalhos futuros a continuidade desta pesquisa, porém tendo como foco a mulher gari, sendo que é pioneiro a inserção da mulher neste tipo de ocupação.
- Recomenda-se que seja feito uma nova avaliação em termos de cargas de trabalho em época de verão, onde o clima é mais quente e a produção de lixo é maior devido a concentração de turistas na cidade.

REFERÊNCIAS

- ALBOMOZ, Suzana. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- AS'VTCHENKO, P. **O que é trabalho?** Moscou: Progresso, 1987. 239 p.
- BUENO, Francisco da S Grande. **Dicionário etimológico**: prosódico da língua portuguesa. São Paulo: Lisa, 1988. p.4020. v.8.
- CAMPOS, Florianita Coelho. **Psicologia e Saúde**: repensando praticas. São Paulo: Hucitec, 1992.
- CODO, Wanderley; SAMPAIO, José Jackson Coelho; HITOMI, Alberto Haruyoschi. **Indivíduo, trabalho e sofrimento**: uma abordagem interdisciplinar. Petrópolis: Vozes, 1993.
- COUTO, Hudson de Araújo. **Ergonomia aplicada ao trabalho**: manual técnico da máquina humana. Belo Horizonte: Ergo, 1995.
- CRUZ, Roberto Moraes, ALCHIERI João Carlos; et al. **Avaliação e medidas psicológicas**: produção do conhecimento e da intervenção profissional. São Paulo: Casa do psicólogo, 2002.
- DEJOURS, Chistophe; ABOUCHELI, Elisabeth; JAYET, Cristian. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuição da escola Dejouriana á análise de relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994.
- DEJOURS, Christopher. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. 5 ed. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.
- DINIZ, Carlos Alberto. **Ergonomia**. Norma Regulamentadora 17. Brasília: MTb. SSST, 1994.163p.
- DUARTE, Roberto Carlos. **Gasto energético, ingestão calórica e condições gerais de saúde de coletores de lixo de Florianópolis**. Florianópolis, 1998. 86f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina.
- FACCHINI, L. A.; WEIDERPASS, E., TOMASSI, E. Modelo operário e percepção de riscos ocupacionais e ambientais: o uso exemplar de estudo descritivo. **Revista Saúde Pública**, v.25 (5), p.394-400, 1991.
- FIALHO, Francisco; SANTOS, Néri dos. **Manual de análise ergonômico do trabalho**. Curitiba: Gênese, 1995.
- FISCHER, F M; PARAGUAY, A. B. B. **A Ergonomia como instrumento de pesquisa e melhoria das condições de vida e trabalho**. São Paulo: Hucitec, 1989.
- FUNDACENTRO. **Levantamento bibliográfico**: coletores de lixo. São Paulo: Fundacentro, [sd].

GRECO, R.M.; QUEIROS, V. M; GOMES, J. R. Cargas de trabalho dos tecnos operacionais da escola de enfermagem da Universidade de São Paulo, **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v.25, n 95/96, p.59-75, 1995/1996.

GUATTARI, Felix. **Micropolítica**: Cartografia do Desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.

GUÉRIN F., et al. **Compreender o trabalho para transformá-lo**: a prática da ergonomia. Tradução Gilliane M. J. Ingratta e Marcos Maffei. Fundação Vangolini USP - Departamento de Engenharia de Produção. São Paulo: Ed. Edgard Blucher Ltda, 2001.

GUERIN, F., LAVILLE, A. et al. **Compreender o trabalho para transformá-lo**: a prática ergonômica. São Paulo: Ed Edgard Blucher, 2001.

ILÁRIO, Enidio. Estudo de morbidade em coletores de lixo de um grande centro urbano. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, Campinas São Paulo, v.17, n.66 p.07-13, abr./maio/jun., 1989.

KRAWULSKI, Edite. **Evolução do conceito de trabalho através da historia e sua percepção pelo trabalhador de hoje**. Florianópolis, 1991.121f. Dissertação (mestrado-Centro Sócio Econômico) – Curso de pós-graduação em administração. Área de concentração: administração publica, Universidade Federal de Santa Catarina.

LAURELL, C.; NORIEGA, M. **Processo de produção e saúde**: trabalho e desgaste operário. São Paulo: Hucitec, 1989.

LAVILLE, Antoine. **Ergonomia**. Tradução Márcia Maria Neves Teixeira. São Paulo: Editora da USP, 1977.

LE MOS, Jadir Camargo. **Avaliação da carga psíquica no distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (DORT) em trabalhadores de enfermagem**. Florianópolis, 2001. 92 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina.

LOREIRO, Maria Bernadete S; MADRUGA, Rosangela Batistal. **Cargas de trabalho de coletores de lixo domiciliar**: um estudo de caso. XX Simpósio Internacional de Ciências do Esporte: novas fronteiras para o movimento. São Paulo, 10 a 12 de outubro de 2002. (resumo 378).

MAIA Silmara da Costa. **Análise ergonômica do trabalho do enfermeiro na unidade de terapia intensiva**: proposta para minimização do stresse e melhoria de qualidade de vida no trabalho. Florianópolis, 1999.167f. Dissertação (mestrado em engenharia de Produção) - Pós-graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina.

MARTINS, Milton Carlos. **Departamento de medicina social XIX**. São Paulo, 1998. 111f. Especialização (Curso de Especialização em Medicina do Trabalho) - Ergonomia. Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo.

MESSING, Karen. **Compreender o trabalho das mulheres para transformar**. Universidade do Quebeque. Montreal Lisboa: DEPP. CIDES, 2000. 149 p.

- MINISTÉRIO DO TRABALHO. Sistema Nacional de Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações**. Brasília, 1982.
- MONTMOULLIN, Mourice. **A ergonomia**. Lisboa: Instituto Piaget: editions La Decouvet, 1990.
- MORAES, Anamaria; CLAUDIS, Mnt' alvão. **Ergonomia**. Conceitos e Aplicações. Rio de Janeiro: 2 AB, 2000.
- MOSER, Anita. **A nova submissão (mulheres da zona rural no processo de trabalho industrial)**. Porto Alegre: Edipaz, 1985.
- MURREL. K. F. H. **Ergonomics: man in his working environment** London. Chapman and Hall, 1971.
- RIO, Rodrigo Pires do et al. **Ergonomia: fundamentos da prática ergonômica**. 3 ed . São Paulo: LTr, 2001.
- SANTOS, Tereza Luiza Ferreira dos. **Coletores de lixo: a ambigüidade do trabalho na rua**. São Paulo, 1999. 222f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica
- SANTOS, Tereza Luiza Ferreira dos. **Relatório de pesquisa: estudo das condições de saúde e trabalho dos coletores de lixo da cidade de São Paulo**. São Paulo: Fundacentro, 1994.
- SELIGMANN, Silva. E. **Desgaste mental no trabalho dominado**. São Paulo: Cortez, 1994.
- SELL, Ingeborg. **Anais do I congresso Latino Americano e III Seminário Brasileiro de Ergonomia**. ABERGO - Associação Brasileira de Ergonomia. São Paulo: Oboré, 1992.
- SIMON, Herbert. **Comportamento administrativo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1970.
- SOUZA, Renato José de. **Ergonomia no projeto do trabalho em organizações: o enfoque macroergonomico**. Florianópolis, 1994. 120f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Departamento de Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina.
- TAYLOR, F. **Princípios de administração científica**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 1966.
- WISNER, Alain. **A inteligência no trabalho: textos selecionados de ergonomia, tradução de Roberto Leal Ferreira**. São Paulo: Fundacentro, 1994.

APÊNDICE 1 - DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DOS GARIS

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DOS GARIS

Havíamos estabelecido, em contato prévio com o Gerente de Departamento Operacional, o dia para início de nosso estudo de campo. O dia combinado ficou para 11 de julho, sendo que nesse dia deveríamos estar mais cedo no local para fazermos todo o acompanhamento do roteiro que iniciaria com o trajeto do Morro da Lagoa da Conceição, Geral da Lagoa, Avenida das Rendeiras, Joaquina e Geral da Barra da Lagoa. Sendo assim, segue a descrição de um dia de trabalho destes coletores de lixo.

Descrição da atividade dos Garis (feminino)

Chegamos à empresa pontualmente às 6h30min, ainda estava escuro e fazia muito frio.

No pátio da empresa, muitos trabalhadores já se encontravam em pequenos grupos, outros estavam chegando "muito animados", rindo, contando "casos", formando grandes e pequenos grupos de pessoas. Alguns nos observavam com curiosidade, outro perguntou-nos se éramos repórteres, uma vez que estávamos munidos de máquina fotográfica, gravador, fitas, prancheta e blocos para anotações.

Por volta das 6h40min, chega o Gerente de Departamento Operacional, que nos convidou para ir até sua sala. Lá foi também chamada a equipe a qual iríamos acompanhar. Entre eles estava um motorista, que trabalhava há seis meses na empresa, e três garis, com dois meses de experiência cada um. Neste momento fizeram-se as apresentações, ocasião em que explicamos quem éramos e qual o objetivo do acompanhamento do trabalho deles. Todos se mostraram muito tímidos e "pareciam desconfiados", talvez por ser o primeiro dia da formação desta equipe. Após apresentação, eles foram dispensados e retornaram ao pátio da empresa, onde em seguida os acompanhamos.

Já no pátio, e por volta das 6h50min, uma professora de Educação Física já aguardava os trabalhadores para dar início aos exercícios de alongamento.

Alguns trabalhadores se recusavam a ir para o círculo, sendo o fiscal incumbido de conduzi-los até o local, onde "vigiava" para que todos cumprissem os exercícios. Ao iniciar a sessão de alongamento, muitos deles pareciam bastante "longe", conversando com o colega, rindo dos que não conseguiam acompanhar o ritmo da professora.

Em determinados exercícios, em que a professora mandava pôr a mão na cintura e girar o quadril, escutava-se uma onda de piadas e risadas, alguns se recusavam a fazer, como se o exercício fosse comprometer a masculinidade do grupo. Ao término dos exercícios, por volta das 7h, todos seguiram para seus caminhões. Neste momento fomos ao carro, aguardamos a saída do caminhão e quando este apontou próximo ao portão, às 7h15min, o motorista acionou a buzina para que o seguíssemos.

Dentro do caminhão encontravam-se três Garis mulheres e o motorista. Durante o percurso (da empresa até o início do Morro da Lagoa), elas permaneceram na cabine e a velocidade do caminhão, acompanhada por dedução do velocímetro do carro no qual encontrávamos, variava entre 60 e 80 km/h.

Chegamos ao início do roteiro às 7h40min. O caminhão acionou o pisca-alerta e as garis desceram da cabine do caminhão. Neste momento inicia-se a coleta de lixo. Neste local, havia muito lixo fora das cestas, espalhados pelo chão e fora de acondicionamento plástico. Uma delas junta com ambas as mãos e joga para dentro do caminhão e as outras duas ficam a observar. Em uma lixeira mais à frente, um cachorro chegava a pular, tentando abocanhar a mão do gari, que precisava colocar a mão nas sacolas e puxar com muita rapidez, para se desvencilhar do animal.

Mais à frente outra lixeira com seus respectivos lixos espalhados pelo chão fizeram com que elas descessem do estribo, sinalizando com assobio e abano de mão para que o motorista encostasse o caminhão, facilitando o trabalho de juntar todo o lixo do chão. Neste momento com duas tampas de papelão improvisadas, juntaram todo o lixo do chão e o colocaram no caminhão. Depois, já no estribo do

caminhão um dos garis mulheres acena para uma criança e, quando o caminhão pára, elas descem do estribo e alguns moradores que já aguardavam pela chegada do caminhão saem e eles mesmos jogam o lixo para dentro do veículo. Segundo este, "é para ajudar a mulherada".

Agora chegamos à avenida geral da Lagoa, onde começam a surgir os contêineres, que elas puxam "utilizando-se da força física", sendo que estes são muito pesados e em alguns casos elas tiram o excesso de lixo de dentro para facilitar o transporte deste até o elevador do caminhão. O motorista, neste momento, sai de sua cabine e vem ajudá-las e, após por nós ser abordado, responde que algumas vezes precisa ajudá-las, porque "pode atrasar muito o trabalho e as mulheres não têm a força de um homem".

Neste dia de trabalho, o elevador do caminhão estava com defeito, isto é, ele precisava ser auxiliado com ajuda das mãos e força física dos garis para que descarregasse.

A quantidade de lixo aumenta devido à maior concentração de área comercial ao longo do trajeto e o motorista precisa sempre fazer a manobra para encostar bem o caminhão no local onde está o lixo. Os garis observam a manobra do caminhão e assim que este pára, elas iniciam a coleta. O motorista novamente sai da cabine e vem ajudá-las. Quando as sacolas começam a cair do caminhão, uma delas vai até a alavanca para dar a prensa, enquanto as outras duas observam o trabalho da máquina.

Elas ficam atentas ao tráfego dos carros no sentido contrário, aguardando muitas vezes os carros passarem e, a partir daí, atravessarem com segurança.

Observa-se que os moradores conversam com elas rapidamente e sorriem, entregando o lixo em suas mãos, como um gesto de "respeito, carinho e reconhecimento pelo trabalho destas".

Neste momento são 8h10min e um gari, a mais jovem, estava "aparentemente" mais ofegante do que as outras duas, seu ritmo era mais lento, e esta permanecia

mais tempo no estribo enquanto as outras duas corriam de encontro ao lixo. A quantidade de lixo parecia aumentar cada vez mais e elas pegavam em cada mão cerca de três a quatro sacos de lixo, dependendo do peso dos mesmos. Em alguns momentos o motorista buzina para avisá-las de que tem lixo e estas descem do estribo para pegá-los, dependurados nas cercas de arames (no lado de dentro), dificultando ainda mais o trabalho destas e atrasando a produção. Mais à frente pára em uma padaria e uma delas entra e logo sai com uma sacola de pão que, segundo eles, sempre ganham para tomar o café.

Eles param para tomar o café às 9h20min, em uma lanchonete fechada, que no lado de fora tem algumas mesas e cadeiras. Lavam a mão em um tanque de cimento. Pegam no caminhão a sacola com os pães que ganharam e uma garrafa que um deles trouxe (cada dia um traz o café para os demais da equipe). Neste momento chego junto a eles para fazer algumas perguntas. Às 9h35min retornam ao caminhão e voltam para o roteiro, seguindo para Barra da Lagoa e neste momento sigo o trajeto de dentro da cabine do caminhão. Ali dentro o ruído parece ser mais intenso, dificultando a escuta dos garis, o que faz com que o motorista esteja sempre atento e observando pelos retrovisores laterais os movimentos dos mesmos. O odor que exala é muito forte, principalmente quando é acionada a prensa. Enquanto ali me encontrava, o motorista me informou que o "trabalho era muito árduo e que as mulheres eram muito lentas e minuciosas em seus trabalhos".

Perguntei-lhe pelos pães que haviam ganhado, ele mencionou que há muito morador bom, pois muito deles dão muitas coisas para os garis, o que eles chamam de "muambas". Segundo o motorista, a empresa proibia esse tipo de conduta, isto é, dos garis catarem dos lixos coisas que são aproveitáveis, como móveis, panelas, roupas, tevês, etc. Porém muitos deles levam as coisas escondidas no caminhão ou combinam com o morador para pegá-las outro dia, pois "se a fiscalização pegar é gancho na certa e quem se ferra é o motorista, porque ele é o chefe da equipe e tem que averiguar qualquer irregularidade".

No final deste trajeto, o motorista manobrou o caminhão bem próximo a um amontoado de contêineres (figura A.1) e desci da cabine. Neste momento chega junto a nós o Gerente de Operações que veio observar o trabalho desta nova equipe que se formava neste dia, isto é, os garis mulheres e o motorista já estavam juntos há pelo menos 35 dias e a outra se juntou a eles naquele dia.

FIGURA A.1 - FISCALIZAÇÃO DO LOCAL DE TRABALHO PELA NOVA EQUIPE



FONTE: Pesquisa de campo

Observa-se neste momento um certo "nervosismo" de toda a equipe por estar sendo observada por alguém da empresa, principalmente o motorista, que tentava se justificar por cada observação do gerente, principalmente do elevador do caminhão que apresentava um defeito para o qual já havia sendo solicitado concerto. O gerente fica visivelmente irritado por tal falha da máquina.

Os garis empreenderam grande esforço físico para arrastar os contêineres até o elevador, e neste momento também o motorista as ajudava a adaptá-los no elevador do veículo. Após o término deste, os garis sobem no estribo e seguimos todos juntos o próximo trajeto que seria a Praia da Joaquina com o gerente em um

outro veículo, também atrás do caminhão. Mais à frente um gari se atrasa ao pegar o lixo, o motorista segue com o caminhão e garis no estribo, que gritam para ele diminuir o ritmo do veículo. Em um terreno vazio e longe de casas, o motorista pára o veículo para ser retirado o churume do caminhão. Prosseguimos novamente, agora já são 11h20 da manhã. Mais à frente um outro contêiner cheio demais para ser puxado pelas mulheres, fez com que estas retirassem um pouco dos excessos de lixo para colocá-lo ao elevador. Após este ser acionado e com a ajuda de dois garis que o seguravam e o empurravam com as mãos, este respingou churume, que molhou a roupa de um gari e todo o estribo também foi lavado por esse líquido que exalava um cheiro muito forte que podíamos sentir mesmo estando dentro do carro.

Uma dos garis jogou um pouco de areia no estribo para impedir que escorregassem e esfregou também um pouco de areia nas mãos como forma de limpar um pouco. As pessoas que por ali passavam tampavam o nariz ou abanavam com a mão como quem estivesse com muito "nojo" do cheiro que exalava no ar.

Seguimos agora para a Avenida das Rendeiras, onde se concentravam ao longo do trecho sacos de lixo que foram amontoados pelos varredores de lixo (margaridas). Estes sacos eram muitas vezes pesados, precisando de duas pessoas para erguê-lo e colocá-lo no caminhão. Segundo garis, muitas vezes ao varrer as ruas para retirar lixos e folhas secas que caem das árvores, as margaridas juntam também as areias, fazendo com que os sacos fiquem pesados.

Já no final do trajeto, por volta das 11h55min e seguindo o morro da lagoa, as garis "aparentavam" cansaço físico, já não corriam tanto e estavam ofegantes. No fim do trajeto estas entraram na cabine do veículo e uma delas acenou com um sinal de positivo para nós.

Por volta das 12h30min chegamos ao antigo aterro, onde elas bateram o cartão e foram com o motorista pesar o lixo – 5.940 toneladas de lixo líquido –, indo em seguida para o refeitório e a partir daí retornarem à Empresa.

Segundo dia de observação das atividades dos Garis

Chegamos novamente às 6h30min na Empresa e por volta das 7 horas iniciaram os exercícios de alongamento, novamente se repetiram as brincadeiras entre os garis que gritavam "vamos lá", zombavam dos colegas e riam o tempo todo, porém faziam o que a professora mandava, mesmo reclamando.

O fiscal, que também observava todos fazerem seus alongamentos, reclamava quando algum deles saía ou zombava dos colegas. Segundo este, todos os dias a cena se repetia, pois havia uma resistência muito grande dessa categoria em aceitar os exercícios, pois fazia apenas dois meses que este exercício era oferecido aos garis.

Já eram 7h15min, quando saímos da empresa. O roteiro que iríamos percorrer era do morro da Agrônômica, entre eles, o: Morro do Escala, Morro do Céu, Monte Serrá, Morro da Cruz, Morro do 25, Rua da Nova Trento, Servidão Franzone e Almirante Carlos.

Na cabine do caminhão, havia o motorista (com dois meses de trabalho na empresa) e mais dois garis (um com sete anos de trabalho e outro com 10 anos); na parte traseira (estribo, segurando nas alças), estavam mais dois garis um com dois meses de trabalho e outro com nove anos de empresa.

Seguimos pela Avenida Beira-mar, entrando a seguir pela Mauro Ramos com destino ao morro da Agrônômica.

Ao chegarmos ao início do roteiro, por volta das 7h30min, o caminhão parou para fazer a manobra de ré e um dos garis veio até nosso carro que estava logo atrás do caminhão e falou para que deixássemos o carro onde estava e seguíssemos o trajeto na cabine com o motorista, pois, segundo o gari, o trecho além de íngreme, era muito perigoso devido às favelas, "bandidos e traficantes" que ali se encontravam.

Resolvemos mesmo assim prosseguir atrás deles, mesmo sabendo dos riscos aos quais estaríamos expostos. O caminhão em seguida entrou em um beco muito

estreito e de marcha a ré, pois não havia espaço para fazer manobra. Neste momento os garis já estavam posicionados nas laterais do veículo e correndo para acompanhar o movimento do automóvel. Neste momento deixamos o carro no início do beco e tentei seguir o ritmo dos garis, o que foi inútil, pois eles têm um excelente preparo físico e sobem a ladeira correndo. Em menos da metade do morro já não agüentava mais correr e um dos garis, observando todo meu esforço, dizia com gestos de incentivo "vamos, você consegue. Coragem". As ruas eram muito estreitas e o caminhão fazia quase todo o trajeto de ré, exigindo muita atenção e experiência do motorista para desviar dos muros laterais ou mesmo não atropelar nenhum gari que em alguns momentos ficava atrás do caminhão.

De repente os garis se dividiram, ficando apenas dois com o caminhão. Quando me aproximei de um dos garis e perguntei pelos demais, falou-me que estes dois iam adiantando serviço, trazendo lixo das escadarias dos morros, local a que o caminhão não tinha acesso (figura 12), e colocando-os em um local estratégico, onde o caminhão poderia se aproximar para estes serem coletados.

Neste roteiro dos morros era bastante comum encontrarmos uma espécie de caixa de cimento (estilo caixa de água), bem grande e quebrada na frente, que funcionava como depósito de lixo, onde o mesmo era ali jogado sem nenhuma sacola que os protegesse. Dois garis, com a ajuda improvisada de um pedaço de madeira, jogavam os lixos no caminhão (figuras A.2 e A.3).

Em uma outra lixeira mais à frente, havia sinais de que tinham colocado fogo, pois muitos dos lixos que ali restavam encontravam-se queimados. Os garis eram muito ágeis na coleta dos lixos, correndo o tempo todo e jogando os lixos no caminhão (figura A.4).

FIGURA A.2 - COLETA DE LIXO NO ROTEIRO DE MORROS



FIGURA A.3 - DEPÓSITO DE LIXOS EM CAIXAS DE CIMENTO ESTILO CAIXA D' ÁGUA



FONTE: Pesquisa de campo

FIGURA A.4 - EVIDÊNCIA DE FOGO ENCONTRADA NAS CAIXAS DE LIXO



FONTE: Pesquisa de campo

Entramos em um outro morro (do 25), em que não havia calçamento e as lixeiras que surgiam a nossa frente estavam abarrotadas, com a maioria dos lixos sem acondicionamentos plásticos e completamente espalhados até fora dos lixeiros. O caminhão se aproximou o máximo desta lixeira. Enquanto um gari sinalizava para o motorista manobrar o veículo, o outro já corria catando o lixo que estava mais ao lado do caminhão e já ia jogando para dentro deste, como quem não quisesse perder tempo. Após manobra do veículo, os dois, com muita rapidez, juntavam o lixo também com improvisado de madeiras que ali se encontravam e jogavam na concha do caminhão.

Observou-se que havia muitos ratos neste roteiro, sendo que em alguns momentos os garis espantavam os filhotes com as mãos e corriam atrás dos adultos, para poder limpar a lixeira. Segundo os garis, "é sempre assim quando chegamos neste morro, limpamos agora e, se voltarmos amanhã, vai estar cheia de ratos e lixos sem embalagens plásticas e espalhados por tudo, isto atrasa nosso trabalho".

A velocidade e ritmo do trabalho sofrem variações ao longo do roteiro devido à não existência de lixeira e à falta de acondicionamento adequado para os lixos. Isso, de certa forma, causa um desconforto físico e conseqüentemente dores lombares devido a posturas de flexão de troncos freqüentes e inadequadas.

Parece que estes garis tinham uma "sintonia" muito grande em termos de organização, pois, quando um gari deixava cair uma sacola no chão, não parava para pegá-la, mas um outro corria e pegava, era como se um estivesse sempre observando o trabalho do outro. Quando os garis se aproximavam do caminhão com as sacolas nas mãos, gritavam para o motorista prosseguir, subiam no estribo com o caminhão em movimento e acionavam a prensa (pareciam não perder tempo com nada).

Chegamos agora em frente a um colégio à frente do qual havia restos de comida e uma variedade de lixos espalhados pelo chão e completamente sem acondicionamento plástico, que, segundo informação dos garis, "eles sempre fazem assim, nós já fomos até lá perguntar por que não botam nas sacolas, eles dizem que

o colégio não tem dinheiro para as sacolas e então vêm com um tambor e despejam aqui nesta caixa de cimento". O caminhão se aproximou da lixeira e novamente um resto de papelão que serviu como pá foi utilizado pelos garis para limpar a lixeira.

Um pouco mais à frente, uma outra lixeira de cimento estava em "chamas", não podendo então ser coletada pelos garis. O motorista, que é o chefe dos garis, fez uma ocorrência por escrito e prosseguiram. Entramos em outro beco com o caminhão de ré, os garis se posicionavam correndo na frente do caminhão, esperando este no alto do morro. Lá os garis já aguardavam com as sacolas nas mãos, pegavam, em média, umas oito a nove sacolas de cada vez, dependendo do peso, e jogavam da distância em que encontravam para dentro do caminhão, sempre correndo e subiam pouco no estribo, somente em trechos em que as lixeiras eram mais afastadas.

A prensa sempre era dada com o caminhão em movimento, exceto quando a concha estava muito cheia, porém neste caso, enquanto um dava a prensa, outro jogava os lixos não parando em nenhum momento.

Passamos agora para o Morro do Céu, onde existia muita escadaria e o impressionante foi que, ao nos aproximarmos destas, havia montes de lixos já aguardando o caminhão nas calçadas (figura A.5).

FIGURA A.5 - DIFÍCIL ACESSO DOS GARIS
PARA COLETA DO LIXO



FONTE: Pesquisa de campo

Quando desci do carro e enquanto os garis jogavam os lixos para dentro do caminhão, perguntei se eram os moradores quem colocava estes lixos e para surpresa ele lembrou-me de que os dois garis que se separaram deles carregaram todo o lixo do alto das escadarias, colocando-os para serem coletados.

A prensa para compactar o lixo era acionada freqüentemente e a quantidade de lixo parecia crescer a cada instante, sendo que era sexta-feira e dia de produção em baixa, pois as coletas se davam às segundas, quartas e sextas, e segunda era o dia de maior quantidade de lixo, tendo o caminhão que fazer até dois descarregamentos.

Os garis quase todo o tempo se comunicam com o motorista, gritando, assoviando e sinalizando com as mãos. Eles correm o tempo todo e acenam para nós, "como quem perguntasse se está tudo bem". Nesta equipe, havia um dos garis muito comunicativo, sempre disposto a nos esclarecer dúvidas e quando as pessoas nos observavam ele explicava que estávamos com eles fazendo um trabalho sobre a atividade deles, parecia entusiasmado e orgulhoso por observarmos o trabalho deles.

O caminhão entrou novamente em um beco e desta vez aguardamos onde estávamos. Em poucos minutos, o caminhão descia com os quatro garis correndo nas laterais. Por alguns instantes eles seguiam à frente do caminhão, com tamanha rapidez levando aproximadamente 4 minutos para recolher todo o lixo dos dois lados do beco, uma distância aproximada de 500 metros (segundo informação do motorista).

Agora são 9h15min, param para tomar café, sentaram em um meio-fio, próximo a uma lanchonete, onde compraram um refrigerante e alguns pães e se serviram. Às 9h30min, seguiram para os roteiros.

Ao sair do café, um pouco mais à frente havia lixos estavam posicionados em cima de uma lona, sendo este feito pelos outros dois garis. O excesso é retirado pelos quatro e depois dois deles, um de cada lado, seguram a lona e despejam os lixos na concha do caminhão dando a prensa por um terceiro e o quarto fica segurando para que nenhum lixo caia fora do veículo. A lona em seguida é dobrada e guardada pelos garis em um local em cima do caminhão.

Mais à frente, dois cachorros correram atrás dos garis que brincam com eles. Ao chegarem próximo a uma lixeira maior, oito crianças se juntam a eles querendo brincar, eles riem, conversam com as crianças, porém sem interromperem suas atividades, e estas, muito curiosas, se aproximam do caminhão como quem quer ver como funciona. Uma senhora com um cabo de vassoura na mão brinca, apontando-o e rindo para eles, que acenam para esta.

À frente encontra-se outra lixeira que foi queimada, tendo restos de cinzas, misturado com alguns lixos que não queimaram completamente. Outros lixos estão dependurados em galhos de árvore, o que é logo percebido, por eles; outros são presos em pregos no lado de fora das casas, nos muros. Neste momento um dos garis vem nos avisar de que o caminhão vai ter que vazar (descarregar), porque está muito cheio. Chegamos à parte mais baixa, já nos aproximando da avenida Mauro Ramos e dois garis param todos os carros para que o caminhão possa cruzar a pista e sair na Avenida Beira-mar. Faz-se toda uma parada do trânsito e, assim que o caminhão cruza, os garis agradecem se desculpando, entram no caminhão, rumo ao antigo aterro do Itacorubi. Chegando lá, o caminhão é pesado tendo como peso líquido 4.090, sendo então este destinado ao descarregamento (figura A.6). Antes deste, um dos garis usa um cano para retirar, em uma boca-de-lobo, todo o churume do carro. O caminhão entra de ré e fica bem próximo a um espaço onde está posicionada uma caçamba que recebe este lixo e é compactado por uma máquina, sendo depois então coberto por uma lona (figura A.7) e levado até seu destino final que é o aterro sanitário de Tijuquinhas.

Após descarregamento do lixo, seguimos novamente para o roteiro. Entramos desta vez próximo ao hospital infantil Joana de Gusmão e entramos em um outro morro (Eskala). Os garis, sempre muito atenciosos, vinham nos avisar quando um beco era pequeno demais e não valeria a pena irmos atrás.

FIGURA A.6 - ANTIGO ATERRO DO ITACORUBI



FONTE: Pesquisa de campo

FIGURA A.7 - ATERRO SANITÁRIO DE TIJUQUINHAS



FONTE: Pesquisa de campo

Enquanto dois garis faziam um percurso, os outros "cortavam" o morro a pé até um determinado local por falta de acesso para o caminhão. Isto traz a sensação do serviço não "render", principalmente nestes morros, onde a coleta nas escadarias se torna lenta. São muitos os morros e conseqüentemente as ladeiras e escadarias que devem ser subidas e descidas pelos trabalhadores da coleta, o que aumenta o esforço físico realizado nesta atividade.

Em alguns momentos os moradores, ao ouvirem o caminhão se aproximar, vão deixando seus lixos nas calçadas. Na grande maioria do roteiro, as sacolas de lixo e/ou lixeiras de cimentos são colocadas no chão, o que faz com que os garis se inclinem, flexionando os membros inferiores e curvando a coluna para recolherem os lixos. Outra observação é as lonas utilizadas por eles que, em alguns momentos, é arrastada com os lixos já em cima até um local de fácil acesso para ser coletado, tendo estes que aplicarem um esforço físico bastante concentrado devido ao grande número de lixos em cima e conseqüentemente ao peso do mesmo.

Terceiro dia de observação da atividade dos Garis

Este dia de observação foi num sábado e pegamos como campo de roteiro a Avenida geral do Estreito, Jardim Atlântico, Monte Cristo Sapé, Chico Mendes, Pro-Morar e Conjunto Panorama.

Era sábado, e este roteiro é feito somente na parte da tarde devido à grande concentração de veículos, sendo que sábado era dia de muita produção, dia em que havia maior concentração de lixo nesses bairros.

Chegamos à empresa por volta das 13h30min. O fiscal da manhã já não estava mais, e então precisamos nos apresentar para um outro fiscal que lá estava. Este já sabia que iríamos fazer o roteiro com os garis. Apresentou-nos a equipe, que se mostrou curiosa pelo nosso trabalho. Explicamos a eles qual o motivo de estarmos ali, conversamos um pouco sobre o roteiro e o motorista informou-nos que, apesar de muito lixo e da correria dos garis, era tranquilo.

Esta equipe era composta por um motorista (cinco anos na empresa), quatro garis (seis anos, um ano, um ano e 7 meses, oito anos).

Eram 14 horas, quando saímos da empresa em direção aos roteiros citados acima. No caminhão, dois garis seguiam junto ao motorista na cabine e os outros seguiam no estribo apoiado nas alças. Chegamos às 14h15min ao local de trabalho, onde os quatro desceram rapidamente e começaram a correr juntando os lixos que encontravam à frente. Neste momento, observava-se uma velocidade reduzida como quem estivesse esquentando o corpo para o trabalho (neste dia não houve exercícios de alongamento).

Pareciam atentos um ao movimento do outro, como que vigiassem o ritmo do outro e ou ficassem atentos caso este precisasse de ajuda. O tempo todo eles seguiam na parte de trás do caminhão, correndo sempre e dificilmente subindo no estribo. Colocavam na mão em média seis a sete sacolas e jogavam o lixo muitas vezes com o carro em movimento, gritando sempre para o motorista "tocar o caminhão em frente" como quem quisesse apressar o trabalho.

Observa-se que muitos moradores correm junto aos garis para entregarem os lixos. Neste momento, garis e comunidade se misturam, diferenciando-os apenas pelo uniforme que a equipe usa.

Em um conjunto habitacional, o motorista do caminhão estacionou próximo a uma lixeira e saiu de sua cabine para observar o trabalho dos garis que se agilizavam com nítida rapidez, flexionando várias vezes para pegar os lixos que estavam depositados em uma lixeira (espécie de depósito). Em seguida, juntou-se a estes um zelador do condomínio que esperou a coleta de lixo e, assim que terminou, varreu todo o local (figura A.8).

FIGURA A.8 - LIXEIRA (ESPÉCIE DE DEPÓSITO)



FONTE: Pesquisa de campo

No bairro Monte Cristo, três garis saltaram do caminhão, atravessaram a avenida para "organizar os lixos". Em uma rua, moças que estavam sentadas sobre o meio-fio cochichavam e sorriam para eles, que acenavam para elas. O quarto gari, que por uns instantes havia sumido, apareceu saindo de uma lanchonete com cinco refrigerantes que ganhou e alguns pães. Segundo informação deste, o dono da lanchonete sempre os presenteava com refrigerantes e/ou pães e, desta vez, receberam 5 refrigerantes como merecimento pelo seu trabalho.

Os cachorros pareciam sempre avisar quando o caminhão com os garis se aproximava, as próprias pessoas vão deixando seus lixos pelas calçadas para serem recolhidos. Alguns moradores vêm até a janela para acenarem para os garis. Estes "parecem" ser tratados com muito carinho pela comunidade.

Em todo o trajeto percorrido havia muito lixo, todos armazenados em sacolas plásticas. De alguns lixos escorria churume, às vezes molhando até as pernas deles. Alguns moradores dependuravam os lixos nos muros. Os garis recolhiam o lixo e jogavam de onde estavam para dentro do caminhão, exceto os mais pesados que neste caso aproximavam do veículo.

Num certo momento, um cachorro saiu latindo e correndo atrás dos gari. Três deles com as sacolas nas mãos saíram em disparada, jogando os lixos para dentro do caminhão e pulando na estribo do veículo. O quarto gari que vinha um pouco mais atrás também foi surpreendido pelo animal; enquanto tentava se livrar deste, os demais integrantes da equipe agitavam ainda mais o animal que por pouco não pegou a perna do gari.

Mais à frente havia uma senhora que pedia esmola e estava com uma sacola de plástico na mão. Por pouco, um gari que vinha correndo e catando as sacolas não a pegou, achando que esta estava com lixo nas mãos. Ao tocar na sacola, ela gritou rapidamente: "Ei, esta não, moço". O gari saiu dando gargalhadas.

Outro gari um pouco mais à frente achou um ninho de ratos entre os lixos e saiu correndo atrás deles tentando chutá-los, enquanto outros gritavam "mata, mata".

Por volta das 15h10min, era visível o suor no rosto dos gari, pois corriam muito e subiam pouco no estribo. Quando entravam em becos sem saída, sinalizavam para nós, para que aguardássemos a manobra do caminhão.

Em frente a um restaurante que tinha sacolas grandes das quais escorria churume, o dono do estabelecimento, brincando, disse: "No final dá para tomar uma Kaiser, né?". Eles riram e continuaram em seus trabalhos.

Um dos gari que vinha correndo quase foi atropelado por uma bicicleta que surgiu de repente em sua frente. Ele parou subitamente e colocou a mão no peito com expressão de quem levou um susto.

Os quatro pareciam entrar em sintonia, pois enquanto um pegava o lixo numa lateral, outro pegava do outro e os outros dois esperavam mais à frente já com os lixos para serem jogados no veículo. Ninguém esperava por ninguém, se uma sacola caía no chão, outro saía lá da frente e juntava a sacola, pareciam estar sempre atentos ao movimento e ritmo do colega. Assim o caminhão prosseguia enquanto eles corriam pelas ruas e calçadas. Às vezes balançavam os corpos como quem dançasse ao som de uma música.

Enquanto um dava a prensa com o caminhão em movimento, os outros saíam à frente catando os lixos. Novamente um outro cachorro correu atrás de um gari que, ao notar estar sendo perseguido pelo animal, parou de repente e o cachorro passou a sua frente, arrancando gargalhadas do dono do canino e dos outros moradores que ali se encontravam presentes. As brincadeiras eram constantes, ora com crianças que por eles passavam, ora com cachorros e outras vezes com os colegas, como um empurrar o outro quando este estava mais lento.

Neste momento, o carro no qual estávamos se aproximou mais do caminhão. Os lixos que estavam sendo recolhidos de um condomínio residencial exalavam um odor fétido, pingando churume por todo o estribo ao ser jogado no caminhão. Mesmo assim, os garis ignoravam tal situação e continuavam seus trabalhos.

Eles ajudavam o motorista nas manobras, acenavam para os carros aguardarem enquanto o veículo manobrava, algumas vezes corriam à frente do caminhão e gritavam ao motorista: "Vamos lá".

Eram 15h30min e as camisetas dos garis grudavam em seus corpos e o suor escorria em seus rostos. Era uma tarde ensolarada, e a temperatura girava, segundo um termômetro, em torno dos 15°C.

Entramos no Pró-Morar e no conjunto Panorama, havia muitos cachorros e lixos espalhados pelas ruas. Em um beco o motorista prosseguiu, deixando para trás dois garis carregados de lixo, que em seguida viraram a esquina aguardando o caminhão em outra rua.

Enquanto o caminhão passava pelas ruas estreitas, os moradores vinham para frente de suas residências para verem o trabalho dos garis.

Um pouco mais à frente, próximo a um bar, o dono deste chama um dos garis que juntava o lixo e entrega a este uma latinha de Coca-cola que logo é dividida entre os demais, que tomavam goles rápidos enquanto juntavam os lixos e/ou corriam atrás do caminhão.

Em um morro um carro de marca Corcel, bastante antigo, deu pane, parando todo o trânsito que vinha atrás. Os garis neste momento, em gesto solidário, ajudaram o motorista, empurrando o carro para um local em que pudesse desobstruir o trânsito.

Ladeiras abaixo, os garis corriam quase junto ao caminhão, como quem aproveitasse a lei da gravidade e deixasse o corpo simplesmente seguir o ritmo. Muitas vezes eles apressavam o motorista: "Vamos embora, meu". Às vezes seus corpos pareciam entrar em um ritmo só, as camisetas estavam grudadas ao corpo pelo suor e o ritmo parecia o mesmo, isto já era por volta das 16 horas. Entramos agora na favela do Chico Mendes.

Logo à frente o caminhão parou apresentando falhas na tomada de força, responsável pela prensa de compactação. O motorista entrou em contato com a empresa por telefone e foi até lá fazer troca do veículo e um requerimento, pois teria de ser levado até o aterro para descarregar o lixo e ser pesado (ficamos sabendo depois que o peso foi de 6.000 toneladas líquidas).

Durante este momento de troca, aproveitamos para entrevistar os garis, que se mostraram bastante receptivos.

Um dos garis, durante este intervalo, ganhou de um dono de bar na esquina mais um litro de Coca-cola bem gelada com alguns copos de plástico e que logo é novamente dividida entre eles. Durante a entrevista, os garis comentaram que "quando o carro enguiça é ruim porque já estamos num ritmo com o corpo quente e depois esfria o corpo e atrasa o serviço".

O outro veículo chega exatamente às 16h30min, buzina para os garis que correm voltando a seus postos. Mais à frente, o caminhão sobe um morro e os garis pareciam querer recuperar o tempo perdido. Corriam muito, as crianças corriam com lixos nas mãos, misturando-se aos garis.

Passamos em frente a um campo de futebol e havia jogo. Os garis mexeram com os jogadores gritando: "Suas pernas de pau" e os jogadores respondiam: "Saíam daí, seus lixeiros".

Na frente havia uma escola e pareciam estar se preparando para uma festa julina. Alguns homens estavam em frente à escola bebendo cerveja e um deles ofereceu-a aos garis: "Ei, guerreiros, querem um geladinha? Eu pego uma para vocês." Os garis agradeceram e responderam "Obrigado, mas não bebemos em serviço" e continuou com seu serviço.

Agora eram 17h35min e o sol já estava sumindo, o frio era grande e os garis continuavam com um ritmo ainda intenso. A quantidade de lixo parecia interminável, pois sábado, neste roteiro, era dia de alta produção de lixos. As expressões dos garis "pareciam" de cansaço, seus rostos estavam novamente suados, embora mantivessem o ritmo.

Um menino de aproximadamente 12 anos, ao passar pelos garis, cuspe no chão com expressão de nojo e tampa o nariz reclamando do odor dos lixos. Os garis observam o ato e um deles balança a cabeça, vem para o meu lado e comenta: "Sempre tem um que faz isso, me irrita porque dá impressão que nos é que somos fedidos".

Agora já estamos no final do roteiro. Olhamos para trás e percebemos as ruas limpas comparadas com a nossa frente (lixos nas calçadas e ruas). Um dos garis corre até nosso carro e pergunta se podemos tirar uma foto de toda a equipe, pois eles não têm nenhuma foto juntos. Concordo em que, após o término do trabalho, baterei uma foto da equipe. O gari volta correndo e comenta com os demais, que acenam com sinal de positivo para nós.

Neste momento são 18h e encerra-se o dia de trabalho desta equipe. Segundo eles, "se o caminhão não estivesse pifado teríamos terminado lá pelas 17h30min". Em seguida eles se posicionam para a foto com poses e muitos gritos. Agradecem e perguntam se estamos cansados.

O motorista e mais um gari voltam para a empresa e outros três que moram ali perto foram a pé para suas casas (figura A.9).

FIGURA A.9 - RETORNO DOS GARIS A EMPRESA DE COLETA DE LIXO



**APÊNDICE 2 - ESCALA DE AVALIAÇÃO DA CARGA PSÍQUICA
E QUESTIONÁRIO PARA COLETORES DE
LIXO DOMICILIARES**

ESCALA DE AVALIAÇÃO DA CARGA PSÍQUICA

INSTRUÇÃO: MARQUE COM UM X, NA ESCALA AO LADO, A AVALIAÇÃO QUE O (A) SR.(A) FAZ DO SEU TRABALHO.	NUNCA	RARAS VEZES	ALGUMAS VEZES	MUITAS VEZES	SEMPRE
1. As condições físicas do meu ambiente de trabalho exigem maior concentração na execução de minhas tarefas.					
2. O ruído e o fluxo de pessoas nas ruas me incomodam.					
3. Sinto-me preocupado/a em meu trabalho com as suas condições de penosidade e insalubres.					
4. As posturas exigidas na execução de minhas tarefas provocam dor e sofrimento.					
5. A disposição dos lixos mal acondicionados nas lixeiras dificulta meu trabalho.					
6. O grau de repetitividade dos atos exigidos na execução de minhas tarefas provoca dor e sofrimento.					
7. Percebo que meu trabalho não é reconhecido pela empresa na qual trabalho.					
8. Minhas tarefas são monótonas.					
9. Percebo que o trabalho que faço não é valorizado.					
10. A execução de minhas tarefas exige atenção permanente.					
11. Sinto-me constantemente pressionado/a em meu trabalho.					
12. Meu trabalho me expõe a situação de perigo.					
13. Meu trabalho tem um ritmo acelerado.					
14. Ao final da jornada de trabalho, sinto-me desgastado(a).					
15. O trabalho que faço exige muita responsabilidade.					
16. Sinto-me inseguro/a em relação ao meu emprego.					
17. Não percebo crescimento pessoal em meu trabalho.					
18. Tenho estado descontente com meu emprego.					
19. Sinto-me constantemente pressionado/a pela minha equipe para acelerar o ritmo de meu trabalho e ir para casa mais cedo.					
20. O ruído constante do caminhão me causa irritação.					
21. O fato de os lixos estarem acondicionados de formas impróprias, espalhadas pelo chão, traz angústia e torna meu trabalho estressante e lento.					

FONTE: LEMOS (2001)

QUESTIONÁRIO PARA COLETORES DE LIXO DOMICILIARES

1. Quanto tempo você levou para aprender tudo o que faz hoje?

- Menos de 2 semanas
 Entre 2 semanas e 2 meses
 Mais de 2 meses

2. Você acha que sabe tudo sobre seu trabalho?

- Sim
 Não

3. Você acha que seu treinamento foi suficiente?

- Sim
 Não

4. Você acredita que os acidentes de trabalho ocorridos com seus colegas ou com você, foi devido à falta de treinamentos adequados?

- Sim
 Não

5. Você acha que o seu trabalho mexe com a saúde de seu corpo?

- Sim
 Não

Em caso afirmativo, quais sintomas? _____

6. Você tem dores no corpo:

- à noite
 durante o trabalho
 no final do trabalho
 ou quando faz alguma tarefa específica

Qual tarefa específica? _____

7. Você teve alguma doença profissional?

- Sim
 Não

Se sim, qual? _____

E quanto tempo você ficou afastado? _____

8. Indique as articulações dolorosas nos últimos 6 meses e a existência eventual de dificuldades de movimentos devido a essas articulações:

- | | |
|--|------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Nenhuma | |
| <input type="checkbox"/> Ombro | <input type="checkbox"/> Braço |
| <input type="checkbox"/> Cotovelo | <input type="checkbox"/> Antebraço |
| <input type="checkbox"/> Punho | <input type="checkbox"/> Mão |
| <input type="checkbox"/> Quadril | <input type="checkbox"/> Coxa |
| <input type="checkbox"/> Joelho | <input type="checkbox"/> Perna |
| <input type="checkbox"/> Tornozelo | <input type="checkbox"/> Pé |
| <input type="checkbox"/> Região cervical ou pescoço | |
| <input type="checkbox"/> Região dorsal ou meio das costas | |
| <input type="checkbox"/> Região lombar ou final das costas | |

**APÊNDICE 3 - QUESTIONÁRIO PARA SER RESPONDIDO PELOS
DIRIGENTES DA EMPRESA E ROTEIRO DE PERGUNTAS
PARA OS COLETORES DE RESÍDUOS DOMICILIARES**

**QUESTIONÁRIO PARA SER RESPONDIDO
PELOS DIRIGENTES DA EMPRESA**

Data: _____

Local: _____

Empresa: _____

1. Qual o número total de coletores residuais em domicílios pertencentes ao quadro funcional da Empresa?

2. Nesta categoria profissional existem trabalhadores terceirizados?

3. Qual é a distribuição deste profissional por faixa etária?

15 - 20

21 - 25

26 - 30

31 - 35

36 - 40

41 - 45

Mais de 45 anos

4. Qual é o grau de instrução dos trabalhadores?

Primeiro grau incompleto

Primeiro grau completo

Segundo grau incompleto

Segundo grau completo

5. Quanto à média de salários:

Um salário mínimo

Dois salários mínimos

Três salários mínimos

Quatro salários mínimos ou mais

6. De que forma(s) o "Setorial de Recursos Humanos" procede a etapa de recrutamento deste(s) profissional(s)?

7. Após a admissão na Empresa, o recém-admitido recebe algum tipo de treinamento para o exercício de suas atividades específicas?

8. Qual é a média de permanência, em anos de funcionários?

Nesta atividade

Na Empresa

9. A Empresa disponibiliza algum tipo de benefício(s) social(is)? Em caso positivo, quais?

10. A Empresa oferece algum treinamento? Em caso positivo, com que periodicidade é feito? De que forma isso ocorre?

11. Existe descrição de cargo ou de função aplicável a esses trabalhadores formalmente documentados na Empresa?

12. A divisão de trabalho segue alguma escala previamente elaborada? Caso positivo:

a) De que forma ela acontece?

b) Como se dá o fluxo de serviço?

13. Quais são as jornadas de trabalho?

14. A Empresa fornece equipamentos de proteção individual ao trabalhador?

Sim

Não

Em caso positivo, quais? _____

15. A Empresa tem por hábito realizar exames clínicos e de controle médico junto aos trabalhadores?

Sim

Não

Em caso positivo, quais? _____

16. Quanto ao fator absenteísmo na Empresa, qual é a incidência?

17. Quanto aos acidentes de trabalho:

a) Quais são as causas mais comuns?

b) Qual é a incidência por causa determinada?

18. Como é prescrito o trabalho dos coletores de lixo?

19. Quando foi realizado o último concurso? Quantos se inscreveram e quantos foram aprovados?

20. Como funciona a divisão das equipes de coletores de lixo?

21. Quais e quantos roteiros de coletas existem na ilha e continente?

22. Quais as exigências dessa tarefa em relação ao trabalhador?

23. Existe estabilidade para essa categoria nesse posto de trabalho?

ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA OS COLETORES DE RESÍDUOS DOMICILIARES

Perfil dos Trabalhadores

Idade: _____ Sexo M F

Estado Civil C S D V

Escolaridade 1.º grau 2.º grau 3.º grau

Aspectos Socioeconômicos

Renda Familiar (média salarial mensal em salário mínimo):

1 a 5 SM 6 a 10 SM Mais de 10 SM

Você recebe algum benefício social por parte da Empresa?

Você reside em casa própria?

Faz exames médicos?

Sim

Não

Caso sim, quais? _____

Onde? _____

Qual frequência? _____

Qual a distância entre sua residência e o local de seu serviço?

15 km 20km 30 km Acima de 30 km

Quanto tempo você trabalha na empresa?

Aspectos Relacionados ao Trabalho

Qual seu último emprego antes de trabalhar na Comcap?

Fale um pouco sobre como é ser coletor de lixo e quais seus sentimentos em relação a estes?

De que forma você vê que seu trabalho contribui para a sociedade?

Como é o relacionamento entre você e seu(s) supervisor(es)?

A Empresa promove campanhas junto aos moradores do bairro em que você trabalha para melhoria da coleta de lixo?

Qual sua opinião sobre a situação de acondicionamento do lixo nas lixeiras domiciliares?

Que tipo de lixo você menos gosta de coletar? Por quê?

Quanto ao volume de coleta:

- É igual todos os dias da semana
- Existe algum dia que é diferente? Por quê?

A Empresa oferece algum tipo de treinamento para uma coleta de lixo mais adequada?

A Empresa fornece algum tipo de equipamento de proteção individual para uso em suas atividades de coletas de lixo?

Como você vê suas condições de trabalho?

Dê sua opinião sobre o que poderia ser feito para melhorar.

Você tem conhecimento dos riscos a que você pode estar exposto?

Dê sua opinião sobre o que fazer para evitar riscos de contaminação.

Qual sua opinião sobre a situação de acondicionamento do lixo nas lixeiras domiciliares?

Você já se afastou do seu trabalho por algum motivo de doença?

- Sim
- Não

Em caso afirmativo, quantas vezes? _____

Qual a causa do seu afastamento?

Quanto aos seus colegas de trabalho, acontecem afastamentos com eles?

Sim

Não

Em caso afirmativo, quais as causas mais comuns de afastamentos? _____

Qual a maior exigência desta atividade em relação ao trabalhador?

Em relação aos novos colegas que chegam na equipe, como estes são recebidos?

Como você define o trabalho em equipe?

Onde são feitas as refeições e qual o tempo que é estabelecido para estas?
